



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

NAS ONDAS DO MANGUE

A história da cena cultural Manguebeat

AUTORA: JULIANA FIGUEIREDO ALVES

ORIENTADOR: CARLOS EDUARDO ESCH

RELATÓRIO DE PRODUÇÃO DE PROJETO EXPERIMENTAL EM JORNALISMO

BRASÍLIA/DF
DEZEMBRO/2011

JULIANA FIGUEIREDO ALVES

NAS ONDAS DO MANGUE

A história da cena cultural Manguebeat

Trabalho de conclusão de curso
apresentado à Universidade de Brasília
como requisito parcial para obtenção
do título de bacharel em Comunicação
Social com habilitação em Jornalismo.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Carlos Eduardo Esch (Orientador)

Prof. Nélia Del Bianco

Prof. Clodomir Ferreira

Brasília, de dezembro de 2011.

RESUMO

Esse projeto experimental é uma série radiofônica de cinco reportagens sobre o Mangubeat, um movimento cultural que surgiu no início dos anos 90 em Recife, Pernambuco. A ideia é contar a história do Mangubeat através de uma série de programas que seja produto de um trabalho jornalístico aprofundado e que esteja localizada na área do jornalismo cultural, fazendo uso da experimentação da linguagem sonora.

Palavras-chave: Mangubeat . cultura . Recife . música . movimento

ABSTRACT

This experimental project is a radio series of five reports about Mangubeat, a cultural movement that emerged in the early 90's in Recife, Pernambuco. The idea is to tell the story of Mangubeat through a series of programs that is the result of a deep journalistic work and is located in the area of cultural journalism, using the experimentation of sound language.

Key-words: Mangubeat . culture . Recife . music . movement

ÍNDICE

Conteúdo	Página
1. APRESENTAÇÃO.....	1
2. OBJETIVO	3
3. JUSTIFICATIVA	4
3.1 Do meio de comunicação	4
3.2 Do tema	5
4. REFERENCIAIS TEÓRICOS	7
4.1 Jornalismo e Rádio	7
4.2 Mangubeat	9
5. TRAJETÓRIA DO PROJETO	12
5.1 Recife	12
5.2 Brasília.....	14
6. CONCLUSÃO.....	17
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	18
8. ANEXOS.....	21

1. APRESENTAÇÃO

O Mangubeat foi um movimento cultural criado em 1991 por um grupo de jovens em Recife, com o objetivo de movimentar o cenário cultural da cidade através de uma série de shows, que foram protagonizados pelas bandas Chico Science e Nação Zumbi e Mundo Livre S/A.

O Movimento Mangu foi muito rico em vários aspectos. As bandas Mangu faziam um som que misturava ritmos contemporâneos, como o rock e o hip hop, com ritmos tradicionais, como o maracatu, o coco e a ciranda. Essa mistura, acabou aproximando o pernambucano da sua própria cultura, e trouxe mais reconhecimento para os artistas populares da região.

A produção musical dessa época também conseguiu colocar Pernambuco no mapa da música nacional e mundial. A indústria fonográfica brasileira, que até os anos 80 quase não investia em artistas que viessem das regiões Norte e Nordeste, com exceção da Bahia, foi atraída pela nova música que estava sendo feita pelo Movimento Mangu, e percebeu que havia uma produção musical interessante fora do eixo Centro-Sul do país, que poderia ser explorada.

Essa nova música também chamou a atenção de críticos estrangeiros, que anunciavam em suas matérias o novo som que estava surgindo no Brasil e ajudaram a formar um público para essa nova música brasileira no exterior.

Apesar de ter surgido como um movimento musical, o Mangubeat acabou estimulando e influenciando a produção em várias outras áreas da cultura. A movimentação que estava acontecendo mobilizou os artistas da cidade, que também começaram a perceber como a cultura deles era rica e passaram a trabalhar com ela.

A série *Nas ondas do Mangu - A história da cena cultural Mangubeat* se divide em cinco programas, de aproximadamente 15 minutos cada, que abordam diferentes momentos e aspectos do Movimento Mangu.

No primeiro programa, o ouvinte é introduzido ao cenário da época. De que forma o contexto no qual os recifenses viviam nos anos 80 possibilitou o surgimento do Movimento Mangu? O que queriam os jovens que criaram o movimento? Quais foram os primeiros passos dados por eles?

O segundo programa é dedicado exclusivamente aos criadores do Mangu. Quem eram eles? O que eles tinham em comum? Que tipo de música eles curtiam? Como se formaram as

bandas Chico Science e Nação Zumbi e Mundo Livre S/A e quais eram as principais características delas?

No terceiro programa, o ouvinte descobre o que os mangueboys precisaram fazer para divulgar o que estavam produzindo na cidade, e como o Movimento Mangue conseguiu reunir várias bandas de diferentes estilos e artistas das mais variadas áreas.

O quarto programa mostra a consolidação do cenário musical recifense, a repercussão que o Manguebeat teve no resto do Brasil e do mundo, e a trajetória das bandas Chico Science e Nação Zumbi e Mundo Livre S/A até o lançamento dos seus discos.

O último programa começa falando da enorme perda que representou a morte do músico Chico Science para o Manguebeat e para a música brasileira, e faz um balanço das mudanças e conquistas obtidas pelo movimento.

Os programas são conduzidos por um narrador, que apresenta ao ouvinte os tópicos que serão abordados e introduz as falas dos entrevistados. Procura-se construir um discurso jornalístico mais leve e dinâmico através da inserção de dramatizações, músicas e efeitos sonoros.

2. OBJETIVO

O objetivo deste projeto é a realização de uma série de programas de rádio que seja resultado de um trabalho jornalístico aprofundado, da experimentação da linguagem sonora, e ofereça uma visão ampla e crítica sobre o Movimento Manguebeat.

3. JUSTIFICATIVA

3.1 Do meio de comunicação

Antes de entrar na faculdade, a minha relação com o rádio não era das mais próximas. A minha ansiedade me impedia de escutar uma reportagem ou um programa inteiro, e eu preferia ouvir música em discos.

A partir do momento em que eu tive os primeiros contatos com o universo radiofônico no curso de Jornalismo, eu comecei a ficar encantada com aquela linguagem. Um novo mundo se abria para mim. Um mundo onde pequenos estímulos podiam despertar sensações intensas. Um mundo menos visual, e mais auditivo.

É sempre muito difícil explicar por que você gosta ou não gosta de determinada coisa. Mas, de repente, a minha falta de paciência para o rádio se transformou em uma curiosidade extrema. Eu lembro que no semestre da minha primeira disciplina de Radiojornalismo, eu tirei uma manhã inteira para escutar e conhecer todas as estações de rádio de Brasília, e passei a cultivar o hábito de ouvi-las.

Além das disciplinas de Radiojornalismo, eu cursei Introdução à Linguagem Sonora, disciplina do curso de Audiovisual. Esse foi outro momento chave para mim. Foi quando eu percebi como eu gostava de criar histórias, e de imaginar como eu poderia contá-las através da linguagem sonora.

Quando chegou o momento de escolher o que eu queria fazer como projeto final, eu não tive dúvidas de que seria uma série de programas de rádio. Um produto no qual eu poderia usar os conhecimentos que eu aprendi na área de Jornalismo para fazer uma reportagem mais aprofundada, onde eu teria a liberdade de usar as inúmeras possibilidades sonoras para contar o que eu queria.

3.2 Do tema

Em janeiro de 2011, eu comecei a estagiar na Editoria de Cultura do jornal Correio Braziliense. Lá, eu tive a oportunidade de entrevistar muita gente que eu admirava. Uma dessas pessoas era o China. O músico pernambucano, ex-integrante da banda Sheik Tosado que havia entrado em carreira solo no ano de 2003, estava vindo tocar em Brasília e era uma das apostas para o caderno do final de semana. A tarefa de entrevistá-lo ficou para mim, e eu, é claro, fiquei mais do que satisfeita.

A entrevista havia sido ótima. O músico foi super simpático e a sua assessora, mais do que eficiente. Incrivelmente, ela também era a assessora do Mombojó, outra banda pernambucana da qual eu sou fã. Com esses contatos a mão, me passou pela cabeça que seria muito legal fazer uma matéria sobre a música recifense, que estava me encantando cada dia mais. E foi aí que eu pensei no Mangubeat.

Para mim, o Mangubeat era o nome do estilo de música que a banda Chico Science e Nação Zumbi inventou nos anos 90, e eu queria saber qual era a influência desse som na nova música recifense. Eu já havia pesquisado algumas coisas sobre o Mangubeat, mas ainda não tinha percebido a grandiosidade da coisa, até que eu entrevistei os músicos China e Felipe S., do Mombojó, por telefone.

O discurso dos dois parecia ser o discurso de toda uma geração. Ambos afirmaram que se tornaram músicos por causa dos shows que assistiram das bandas da geração Mangu, que o movimento havia mudado a cara de Recife e a forma de se produzir música no Brasil, e eu fui ficando cada vez mais entusiasmada com o assunto. Na redação do Correio Braziliense, eu consegui o contato de mais uma peça chave para o meu projeto: o jornalista pernambucano José Teles. Foi na entrevista com o Teles que eu percebi o quanto eu ainda precisava aprender sobre o assunto. O jornalista é o autor do livro *Do frevo ao Mangubeat*, referência sobre o assunto, e, a cada pergunta que eu fazia, ele me despejava um balde de informações, como se ele tivesse decorado o livro inteiro.

As entrevistas resultaram em uma matéria de cinco minutos para a disciplina Radiojornalismo 1, ministrada pela professora Ellis Regina. Mas, vendo que ainda havia muito para se falar sobre o assunto, eu levei o tema para o professor Carlos Eduardo como uma das propostas para a série radiofônica que eu estava pensando em fazer como projeto final de curso.

O tema fora aprovado. Mas faltava problematizá-lo. Por que se falar sobre o Mangubeat? Qual era a minha motivação?

Em primeiro lugar, eu queria falar sobre o assunto porque eu acreditava que um movimento musical seria uma tema muito rico para se trabalhar no rádio. As possibilidades de mostrar ao ouvinte as músicas sobre as quais a série estava falando e de utilizar essas músicas como forma de narrativa eram muito importantes para mim, tanto para aproximar o público da história, quanto para exercitar um tipo de linguagem em que a música tem uma função muito maior do que ambientar um cenário ou fazer uma quebra entre momentos diferentes. A música também seria uma importante fonte de informação.

Em segundo lugar, porque eu tinha certeza que muitas pessoas desconheciam a existência do Mangubeat ou não sabiam ao certo o que ele havia sido. Existem muitas teses sobre o assunto, mas o que é produzido nas universidades muitas vezes não chega à população, seja por falta de meios para que a produção seja veiculada ou porque os trabalhos utilizam uma linguagem muito técnica. Eu queria contar a história do movimento porque eu acreditava que ele era muito importante para ser conhecido por tão poucos. E para que o produto tivesse um amplo alcance, era preciso veiculá-lo em um meio de fácil acesso, onde pudesse ser utilizada uma linguagem simples e criativa. Para mim, o meio que mais se encaixava nesse perfil era o rádio.

Além desses motivos, havia a minha admiração pessoal pelo movimento. Ver como um grupo de amigos decidiu se mobilizar para transformar a cidade em que moravam com poucos recursos, mas com muita ideias, era uma fonte de inspiração para mim, que eu queria compartilhar com outras pessoas. Mostrar como eles atingiram conquistas grandiosas com atitudes tão simples, ao meu ver, poderia servir de motivação para que outras pessoas insatisfeitas com o cenário nos quais elas vivem tentassem fazer alguma coisa a respeito. A minha admiração inicial foi aumentando durante cada etapa da realização do projeto, a cada descoberta que eu fazia sobre o Mangu, a cada relato que eu ouvia sobre o movimento.

4. REFERENCIAIS TEÓRICOS

4.1 Jornalismo e Rádio

Se, na literatura, a forma é compreendida como portadora, em si, de informação estética, em jornalismo a ênfase desloca-se para os conteúdos, para o que é informado. (LAGE, 2006, p. 47).

Qualquer que seja a mídia escolhida, porém, é preciso que apresente a informação de maneira inteligível. (LAGE, 2006, p. 11).

Este projeto experimental é uma grande reportagem que, como tal, utiliza como matéria-prima a informação, e se preocupa em transmitir essas informações da maneira mais inteligível possível, para o maior número de pessoas. Para atingir este objetivo, foi fundamental ter conhecimento acerca das técnicas de redação do texto radiofônico. A preocupação jornalística em se criar um texto claro e conciso ganha proporções ainda maiores quando se trata de um texto para o rádio. "O rádio é um meio de comunicação de massa essencialmente oral. Como consequência, o texto radiofônico deve ser mais claro e conciso do que o do jornal ou da televisão". (FERRARETTO e KOPPLIN, 1992, p. 11).

Para o ouvinte do rádio, não existe a possibilidade de pegar o controle remoto e avançar ou retroceder na transmissão do programa. Se ele não entendeu ou perdeu alguma informação, ele provavelmente não terá acesso a ela de novo. Além do esforço em se criar um texto que seja entendido de primeira, às vezes o jornalista precisa utilizar o recurso da redundância. É necessário repetir informações que já foram dadas ao longo do programa tanto para reforçar uma ideia, quanto para situar o ouvinte que não estava acompanhando a transmissão desde o seu início ou que se distraiu por um momento.

Como a vista está "sem alimento", os ouvintes de rádio devem se concentrar mais para prestar atenção a essa mensagem que só lhes chega pelo ouvido. Se a transmissão não lhe é interessante e não consegue captar rapidamente a sua atenção, o ouvinte pode facilmente se distrair e deixar de responder. (SALESSI, 2011, p. 3).

Para tentar prender a atenção fugaz do ouvinte, o jornalista não se vale somente da palavra. O rádio possui uma grande variedade de recursos sonoros, que faz com que a sua linguagem seja muito rica. Este meio quente, "que prolonga um único dos nossos sentidos e em

alta definição" (MCLUHAN, 1974, p. 38), estimula a imaginação e permite que o ouvinte possa criar as suas próprias imagens a partir de elementos sonoros. Entre esses sons, incluem-se ruídos, efeitos, o silêncio e a música.

Como o tema da série é um movimento musical, foi possível trabalhar com um universo sonoro muito rico. As canções serviram tanto para dar dinâmica à linguagem, como para agregar informação aos programas. Também foi utilizado o recurso da dramatização. A partir da coleta de informações sobre o tema, foi possível recriar momentos que foram importantes para o movimento ou cenas que de alguma forma ilustrassem alguma característica da época.

As técnicas jornalísticas não foram empregadas apenas na criação de uma linguagem criativa, acessível e informativa, mas também nas etapas de produção da série. Em primeiro lugar, no processo de pesquisa, na busca de informações em diversos materiais com o objetivo de agregar o máximo de conhecimento sobre o assunto. Depois, no processo de apuração, na realização de entrevistas com personagens que de alguma forma estivessem ligados ao movimento. E, também, nos critérios de seleção do que seria veiculado: o que havia de novo, de relevante, de curioso sobre o assunto.

A concepção de Emílio Prado (1989) sobre a reportagem se mostra propícia para a definição deste produto enquanto gênero jornalístico. " A reportagem é o gênero mais rico entre os utilizados no rádio desde a perspectiva informativa. Sua riqueza provém em primeiro lugar, da ausência de uma estrutura rígida neste gênero, o que permite uma intervenção da criatividade em uma grande medida, sem esquecer que se trata de uma narração de caráter informativo. Toda reportagem é, em definitivo, uma agrupação de representações fragmentadas da realidade que, em conjunto, dão uma ideia global do tema".

Mas, como bem coloca Dietmar Kamper (1997, p.13), "definir é sempre uma forma de matar". Quando se enquadra um produto em determinado gênero, exclui-se a possibilidade de hibridização que existe entre os diferentes gêneros. Ao mesmo tempo em que este produto pode ser classificado como uma reportagem, alguns dos recursos que ele utiliza, como as dramatizações, o aproximam mais do docudrama, "uma hibridização entre um gênero informacional e uma representação ficcional feita por atores". (FUENZALIDA, 2008, p. 161).

Uma definição mais pertinente do que a de gênero, seria a da área do jornalismo no qual o produto está inserido: no caso, a do jornalismo cultural. Para mim, esta é a área mais estimulante e a mais desafiadora do jornalismo. Para se falar sobre cultura, é preciso ter um

quadro referencial muito amplo e alimentar uma visão crítica tanto em relação a produtos, quanto a fatos culturais.

O jornalismo cultural deve ser um espaço de inovação, para quem pensa por si, cria a sua própria linguagem e sabe que é preciso ultrapassar fronteiras, conectar-se com o outro. (...) No jornalismo cultural, se o indivíduo não for capaz de encontrar a sua voz pessoal distintiva, ele não tem muito o que fazer na profissão. Ele poderá ser aquilo que no Brasil comumente se entende por jornalista cultural, quer dizer, o responsável por um caderno, uma pauta, uma coluna de serviços culturais ou até um repórter cultural, mas não um jornalista cultural no sentido crítico da palavra, isto é, alguém capaz de colocar um fato cultural numa perspectiva histórica (e crítica) do campo cultural relacionado que está sendo tratado. (COELHO, 2007).

O meio radiofônico parece o mais propício para o jornalista cultural exercitar essa busca por uma linguagem própria e por uma aproximação com o outro. No rádio, é possível fazer uma série de experimentações de linguagem e estimular a capacidade de abstração do ouvinte através dos sons. O recurso da voz também é um elemento que pode facilitar a aproximação entre o emissor e o receptor da mensagem. A concepção do autor acerca da função do jornalista cultural serviu como inspiração para que eu buscasse agregar o máximo de conhecimento sobre o tema, e procurasse uma forma simples e interessante de transmitir esse conhecimento.

4.2 Manguebeat

Contexto

Segundo Herom Vargas (2007, p.17), o Manguebeat foi uma "cena musical e cultural criada em Recife por uma turma de jovens interessados em música com vontade de transformar o que consideravam marasmo na produção cultural da cidade". O jornalista pernambucano José Teles, que acompanhou o movimento e escreveu uma das maiores referências sobre o assunto, o livro *Do Frevo ao Manguebeat*, justifica na obra por que se considerava que a cena musical recifense dos anos 80 passava por uma estagnação.

Depois da eclosão da cena udigrudi setentista no Recife, a música local imergiu numa fase errática. Não que tenham deixado de surgir novos artistas. Faltava-lhes, porém, um norte. Ou melhor, guiavam-se quase unicamente por um ponto cardeal: Alceu Valença, que passou a ser o "espelho cristalino" em que a maioria desses cantores e compositores se miravam. (TELES, 2000, p. 225).

Vargas (2007, p. 59) também credita o marasmo cultural à falta de meios para veicular a produção local e à falta de investimentos nesse setor. "No âmbito cultural, (Recife) possuía poucos canais para veiculação de sua produção. Os órgãos oficiais se voltavam mais para as práticas denominadas conservadoramente como folclóricas ou para as próprias criações do grupo armorial e de seus seguidores, e mesmo assim com recursos quase sempre limitados".

Mas a falta de investimento na cultura local era apenas um dos vários problemas que Recife enfrentava naquela década. "A antes orgulhosa Veneza Americana foi decaindo economicamente a tal ponto que, nos anos 90, foi *agraciada* pelo Population Crisis Committee, instituto sediado em Washington D. C., como uma das cinco piores cidades do mundo em condições de vida". (TELES, 2000, p.15).

"Recife era considerada uma cidade pobre que passava por um período de estagnação econômica" (VARGAS, 2007, p. 59). "Acho que foi também essa falta de perspectivas que deu energia para a gente tentar mudar as coisas", comenta Renato L, um dos criadores do movimento, em entrevista para a série (2011). Para mim, era extremamente importante apresentar o momento pelo qual Recife passava no primeiro programa. Para que o ouvinte pudesse entender que não foi só a estagnação cultural que mobilizou um grupo de amigos a criar o Mangubeat, e, sim, o contexto geral.

Início

O Mangubeat surgiu em 1991, quando a turma de amigos formada por Chico Science, Fred Zero Quatro, Renato L, Mabuse e Hélder Aragão decidiu colocar em prática a intenção de movimentar a cidade. Eles começaram a organizar uma série de eventos para que as bandas Chico Science e Nação Zumbi e Mundo Livre S/A pudessem se apresentar.

A princípio, a palavra "mangue" foi usada por Chico Science para se referir ao novo som que ele estava fazendo, que misturava ritmos contemporâneos como o rock e o hip hop, com ritmos tradicionais pernambucanos, como o maracatu. Mas Renato L conta que a turma gostou tanto do rótulo, que decidiu usá-lo para dar nome a série de manifestações que aquele núcleo fazia ou sonhava em fazer. (entrevista: Renato Lins, 2011).

Em 1991, foi publicado no Jornal do Commercio o release "Caranguejos com Cérebro", escrito por Fred Zero Quatro, um dos criadores do Mangubeat e vocalista da banda Mundo Livre S/A. O release tinha como objetivo principal divulgar as bandas Chico Science e Nação

Zumbi e Mundo Livre S/A, mas também procurava alertar os recifenses para o estado grave em que Recife se encontrava, e mostrar que havia um grupo de jovens interessados em mudar essa situação.

Emergência! Um choque rápido, ou Recife morre de infarto! (...) O que fazer para não afundar na depressão crônica que paralisa os cidadãos? Como devolver o ânimo, deslobotomizar e recarregar as baterias da cidade? Simples! Basta injetar um pouco de energia na lama e estimular o que ainda resta de fertilidade nas veias de Recife.

Em meados de 91 começou a ser gerado e articulado em vários pontos da cidade um núcleo de pesquisa e produção de ideias pop. O objetivo é engendrar um "circuito energético" capaz de conectar as boas vibrações dos mangues com a rede mundial de circulação de conceitos pop. Imagem símbolo, uma antena parabólica enfiada na lama. (VARGAS, 2007, p. 66).

O release fora tão bem escrito linguagem era tão rica e o seu conteúdo era tão forte, que a imprensa entendeu que era um manifesto. A partir daí, a movimentação dos garotos começou a ganhar força e a chamar atenção da mídia e do público local.

Movimento

Apesar de ser considerado um movimento, os criadores do Manguebeat se referem a esse acontecimento como uma "cena cultural".

"A noção de cena retira o sentido teleológico contido na palavra movimento que envolve uma espécie de caminho único, homogêneo, a ser seguido por todos que compartilham o ideário, como balizas de atuação estética. Esse desprendimento também corrobora o fato de não existir uma batida ou ritmo específico do Mangue. Os grupos e suas propostas de trabalho têm muitas diferenças entre si." (VARGAS, 2007, p. 87).

No Manguebeat, não existia uma unidade estética, tanto na música, quanto nas outras áreas da cultura que se uniram ao movimento. O que esses artistas tinham em comum era a origem pernambucana e uma vontade de mudar o cenário cultural recifense.

5. TRAJETÓRIA DO PROJETO

5.1 Recife

O primeiro passo para a realização da série radiofônica foi o aprofundamento sobre o tema do Mangubeat. Na minha pesquisa, que começou por volta de junho de 2011, eu encontrei dois livros que tratavam do assunto: *Do frevo ao Mangubeat*, do jornalista pernambucano José Teles, e *Hibridismos musicais de Chico Science e Nação Zumbi*, do doutor em Comunicação e Semiótica (PUC-SP) Herom Vargas.

As duas obras foram as minhas principais referências para o projeto. Felizmente, elas são muito ricas em detalhes e têm uma visão muito ampla sobre o Movimento Mangu. Foi através delas que eu pude mergulhar no universo do Mangubeat.

Em agosto de 2011, eu estaria de férias da faculdade e poderia tirar duas semanas de folga no estágio. Como eu tenho uma tia que mora em Recife, eu decidi passar uns dias na casa dela, para me aproximar do tema com o qual eu estava trabalhando e tentar entrevistar algumas pessoas que fizeram parte do movimento.

Através de um amigo da redação do Correio Braziliense, eu cheguei até uma jornalista pernambucana que me passou os contatos de várias pessoas que eu poderia entrevistar. Antes de comprar as passagens, eu liguei e mandei emails para eles, perguntei se eles topariam participar do projeto e se estariam em Recife na primeira semana de agosto. A maioria se colocou à disposição para me ajudar e pediu que eu voltasse a entrar em contato quando chegasse, para marcar as entrevistas.

No dia 1º de agosto, eu desembarquei na capital pernambucana, com o gravador de áudio profissional emprestado da faculdade na mala. A primeira coisa que fiz quando cheguei foi ligar para as minhas fontes para saber quando eu poderia encontrá-las. Para terça-feira, dia 2 de agosto, eu consegui combinar um encontro com os jornalistas José Teles, autor do livro *Do frevo ao Mangubeat*, e Marcelo Pereira. Ambos trabalhavam na editoria de Cultura do Jornal do Commercio, e haviam acompanhando a história do Mangubeat desde o seu surgimento. As entrevistas foram muito importantes tanto por causa do largo conhecimento que eles tinham sobre o assunto, quanto para saber qual era a visão de quem fazia e faz parte da mídia local.

Para o dia 3 de agosto, eu havia conseguido marcar a entrevista que, na minha opinião, era a mais importante de todas. Eu encontraria o músico Fred Zero Quatro, vocalista da banda Mundo Livre S/A e um dos criadores do Mangubeat. A entrevista com Fred foi a mais longa. Durou aproximadamente 1 hora e 40 minutos. Eu perguntei sobre a trajetória do Mundo Livre, a criação do Mangubeat, seus objetivos, suas conquistas, e o que o movimento tinha significado para ele. Algumas das respostas foram tão tocantes e sinceras que eu nunca vou me esquecer.

No quarto dia, eu combinei de encontrar dois produtores musicais da cidade, Antonio Gutierrez e Paulo André Pires. Antonio Gutierrez é o criador do Rec-Beat, um festival que acontece em Recife durante o carnaval e que se propõe a trazer as novas tendências da música brasileira e mundial para os palcos da cidade. Além de produzir o Rec-Beat, Gutierrez foi empresário do Mundo Livre S/A, então foi muito interessante conversar com ele sobre o período em que ele esteve com a banda.

A próxima entrevista fora quase tão longa quanto a de Fred Zero Quatro, e igualmente prazerosa. Paulo André Pires é uma das maiores fontes de informação sobre o Mangubeat. Ele havia acompanhado o surgimento do movimento, criou o festival Abril pro Rock, que foi um dos eventos responsáveis pela consolidação do novo cenário musical recifense, e produziu a banda Chico Science e Nação Zumbi até a morte de Chico. A entrevista com ele foi muito importante principalmente para entender como era o cenário musical da época com uma visão crítica, capaz de detectar os muitos problemas que continuam existindo no mercado musical brasileiro.

No dia 5 de agosto, eu fui ao Espaço Ciência, o maior museu ao ar livre do país, em Olinda. Eu havia conhecido o museu no dia anterior, e me disseram que o irmão de Chico Science, Jamerson, trabalhava lá. Então eu peguei o contato dele e combinei de encontrá-lo na sexta pela manhã. Conversamos sobre Chico, a relação dele com a música e a sua vida interrompida ainda muito cedo.

Por motivos familiares, eu tive que passar o final de semana em Campina Grande, na casa dos meus avós. Mas voltei no dia 9 de agosto para entrevistar os músicos Gilmar Bola 8 e Hélder Aragão, o DJ Dolores. Gilmar Bola 8 é um dos integrantes da Nação Zumbi, banda que tocava com Chico Science. Gilmar me contou como eles se conheceram e começaram a tocar juntos. Antes de conhecer Chico, Gilmar tocava em um grupo de percussão chamado Lamento Negro. Foi quando Chico ouviu o Lamento Negro, que ele teve a ideia de misturar ritmos como o rock e o hip hop com o maracatu, e criar o som que marcou o Movimento Mangu.

A entrevista com Hélder Aragão também foi uma das melhores. Hélder falou de como a paixão em comum que os mangueboys tinham pela música os uniu, de como o Manguebeat havia influenciado na sua vida, no seu trabalho, e na música que passaria a ser produzida no Brasil, entre outras coisas. Além do mais, eu pude conhecer o famoso Edifício Capibaribe, prédio no qual moraram Chico Science, Fred Zero Quatro, Mabuse, e onde Hélder mora atualmente.

Eu aproveitei os momentos livres que eu tive na cidade para visitar o Memorial Chico Science e a famosa loja de discos Passa Disco. No primeiro, eu conheci Adriana Vaz, que incrivelmente havia acompanhado de muito perto o surgimento do Movimento Mangue. Na época, ela era casada com Mabuse, um dos criadores do movimento. Nós tivemos uma conversa muito legal sobre o tema. A visita à loja Passa Disco havia sido sugerida pelo músico Fred Zero Quatro. Além de conversar com o dono, Fábio Cabral de Mello, eu conheci o grande acervo da loja, que é focado na produção de artistas e bandas recifenses.

Antes de voltar para Brasília, eu aproveitei o último dia para entrevistar o músico Maciel Salu, filho de Mestre Salustiano, que era considerado a maior autoridade em cultura popular de Recife. Com Maciel Salu, eu queria conversar a respeito dos ritmos tradicionais pernambucanos, e de como o Manguebeat ajudou a aproximar os recifenses dessa cultura popular. O músico fora extremamente atencioso, e ainda acabou me dando um exemplar do seu novo disco, que ficou como lembrança dessa viagem tão legal e produtiva que eu fiz.

5.2 Brasília

A volta para Brasília foi acompanhada da volta às aulas e ao estágio, o que me impediu de continuar 100% focada no projeto. Entre os meses de agosto e setembro, eu fiz a transcrição das entrevistas - quase oito horas de material - e um esboço do que eu pensava para cada um dos programas.

O próximo passo seria começar a escrever o roteiro, mas, apesar de já ter uma quantidade interessante de entrevistas (dez), eu percebi que o trabalho ficaria muito mais rico se eu conseguisse falar com as outras pessoas que eu já havia tentado entrevistar em Recife, sem sucesso. A alternativa era entrevistá-los por telefone, o que me deixou desanimada a princípio. Mas, felizmente, o resultado me agradou muito.

Em dois dias, eu consegui entrevistar sete pessoas por telefone no estúdio de rádio da Faculdade de Comunicação. A duração média de cada entrevista foi de 18 minutos. Mas, como eu sabia exatamente o que eu precisava para os programas, as perguntas foram mais direcionadas, e as respostas tiveram um índice muito maior de aproveitamento.

Entre os entrevistados estavam: Mabuse e Renato L, dois dos criadores do Movimento Mangue; Roger de Renor, dono da Soparia, um dos poucos espaços que as bandas Mangue tinham para se apresentar no início dos anos 90 em Recife; Siba, do Mestre Ambrósio, e Cannibal, do Devotos, duas bandas que participaram do Manguebeat; Paulo Caldas, um dos primeiros cineastas influenciados por esse movimento; e o jornalista Xico Sá, amigo dos mangueboys que havia feito faculdade junto com Renato L e Fred Zero Quatro, em Recife, e deu uma grande força para as bandas Chico Science e Nação Zumbi e Mundo Livre S/A em São Paulo, para onde ele havia se mudado depois de se formar.

Depois que eu consegui as entrevistas, chegara o momento mais importante: escrever os roteiros. A primeira versão do roteiro demorou duas semanas para ficar pronta. No auge da minha ingenuidade, acreditei que a primeira versão estava perfeita. Mas, depois de conversar com o meu orientador, eu percebi que ela estava longe disso. A linguagem havia ficado muito dura, os textos muito pesados, algumas informações não estavam muito claras... enfim, os roteiros estavam cheios de defeitos, como toda ideia que você escreve pela primeira vez.

Duas semanas depois, eu estava entregando a segunda versão do roteiro, que mudara completamente. A nova versão havia sido aprovada, mas com algumas ressalvas. O texto estava bem mais leve e coerente, mas, dessa vez, a linguagem estava muito informal. A abertura dos programas também precisava ser repensada. Após efetuar as mudanças necessárias, eu estaria autorizada a entrar no estúdio para começar a gravar os programas.

Ao todo, eu gravei com sete pessoas, das quais quatro eram pernambucanas. Como o meu produto contava a história de um movimento recifense, eu achei que seria muito enriquecedor se eu conseguisse incluir o sotaque na linguagem, por acreditar que esse recurso aproxima o ouvinte do assunto abordado. Essa escolha funcionou muito bem para as dramatizações, mas, no caso da narração, deixou a desejar. Como o tempo não permitiu uma nova experimentação com outra pessoa, a narração foi mantida.

Após a gravação, eu comecei a montar os programas em casa, com as músicas e trechos de entrevistas que seriam utilizados já previamente selecionados e editados. A finalização do material foi feita no estúdio de rádio da Faculdade de Comunicação. A vinheta foi uma criação de Carlos Júnior, e a edição dos programas contou com a ajuda de Josevaldo Souza. O tempo de produção dos programas, desde a primeira etapa até a última, foi de seis meses.

6. CONCLUSÃO

A partir da produção deste projeto, foi possível atingir um outro nível de conhecimento sobre o Manguebeat. Com o objetivo de contar a história do movimento da forma mais completa, para o tempo estipulado e para os recursos do rádio, buscou-se um aprofundamento que, com certeza, agregou novos olhares e um posicionamento mais crítico sobre o assunto. Essa nova visão sobre o Manguebeat serviu para confirmar a sua importância como movimento musical brasileiro e perceber a enorme influência que a produção musical da geração Mangue ainda exerce nos dias de hoje.

Outra conquista foi a experiência que se teve em todas as etapas de produção de um série de reportagens para o rádio. O conhecimento construído ao longo desses quatro anos e meio no curso de Jornalismo se mostrou essencial para se atingir um resultado satisfatório. Poder aplicar o que foi aprendido acerca da apuração jornalística, da construção de roteiros para o rádio, da comunicação através de elementos sonoros, da edição do material auditivo e da montagem de um programa radiofônico, foi uma oportunidade única que, sem dúvida, serviu para fortalecer a minha formação como jornalista e como comunicóloga.

Analisando o processo de produção, eu pude concluir que o tempo é um dos recursos mais importantes para a realização de qualquer projeto. Não importa as dificuldades que você tenha, quanto mais oportunidades você tiver de experimentar e errar, mais você irá aprender, e melhor será o resultado obtido. Por isso é essencial se planejar com antecedência e sempre olhar para o seu material com um olhar crítico, sabendo que ele nunca atingirá um nível de perfeição. Às vezes é preciso recomeçar toda a produção, repensar toda a estrutura do projeto, reavaliar os seus objetivos e os seus métodos.

A última e mais importante conclusão é também a mais clichê e a mais sentimental. Pela primeira vez na vida, eu senti que me dediquei 100% a um projeto, com muita paixão e determinação. Eu credito isso ao fato de finalmente ter decidido com o que eu quero trabalhar. Com produção de conteúdo, com rádio, com cultura. Por isso, eu acredito que esse projeto não se encerra nesse momento, com a avaliação da banca ou com a conclusão do curso. O aprimoramento do produto, para uma possível futura veiculação, não será buscado só por questões técnicas, e, sim, por uma satisfação pessoal.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVARENGA, Oneyda. Musica popular brasileira. Rio de janeiro: Globo, 1960.

CASTRO, Josué de. Homens e caranguejos: Romance. São paulo: Brasiliense, 1967.

CHANTLER, Paul; HARRIS, Sim. Radiojornalismo. São Paulo: Summus, 1998.

COELHO, J. Teixeira. Outros olhares. In: LINDOSO, Felipe (org.) Rumos [do] Jornalismo Cultural. São Paulo: Summus/Itaú Cultural, 2007.

FUENZALIDA, V. O docudrama televisivo. Matrizes, São Paulo: n. 1, p. 159-172, 2008.

JOSE, C. L. História oral e documentário radiofônico: distinções e convergências In: CONGRESSO ANUAL EM CIÊNCIA DA COMUNICAÇÃO, 26, 2003. Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte: Núcleo de Mídia Sonora.

KAMPER, Dietmar. O trabalho como vida. São Paulo: Annablume, 1997.

KOPPLIN, Elisa; FERRARETTO, Luiz Arthur. Técnica de redação radiofônica. Porto alegre: Sagra, 1992.

LAGE, Nilson. A reportagem: Teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. São Paulo: Record, 2002.

MCLEISH, Robert. Produção de rádio: um guia abrangente de produção radiofônica. São Paulo: Summus Editorial, 2001.

MCLUHAN, Marshall. Os meios de comunicação como extensões do homem. 4. ed. Sao paulo: Cultrix, 1974.

PORCHAT, Maria Elisa. Manual de radiojornalismo da jovem pan. 3. ed. Sao paulo: Ática, 1993.

PRADO, Emílio. Estrutura da Informação radiofônica. Editora Summus, 1989. 3ª edição.

SALESSI, M. P. Producción de un documental radiofónico sobre “FM Urbana 97.1”. In: CONGRESSO VIRTUAL "LA TESIS. RECORRIDOS CONCEPTUALES POR EL CAMPO DE LA COMUNICACIÓN", 2, 2006. La Plata. Resumo... La Plata: Seminario Permanente de Tesis de la Facultad de Periodismo y Comunicación Social, 2006. 13 f.

TELES, José. Do frevo ao mangubeat. São Paulo: Editora 34, 2000.

VARGAS, Herom. Hibridismos musicais de Chico Science & Nação Zumbi. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

<<http://www.overmundo.com.br/overblog/do-mangue-ao-mangubeat>> (outubro de 2011)

<<http://trama.uol.com.br/mundos/brasileiro/atitude/mangue/>> (outubro de 2011)

<http://xicosa.folha.blog.uol.com.br/arch2011-08-28_2011-09-03.html> (outubro de 2011)

<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=520&Itemid=1> (outubro de 2011)

<http://www.recife.pe.gov.br/chicoscience/textos_glossario.html> (outubro de 2011)

<http://memorialchicoscience.com/?page_id=184> (outubro de 2011)

<<http://www.producaocultural.org.br/wp-content/uploads/livroremix/joaovieirajunior.pdf>>
(outubro de 2011)

<<http://www.moisesneto.com.br/arapsodiaafrociberdelica.pdf>> (outubro de 2011)

<<http://www.cucaracha.com.br/entrevistas/20000515ZeroQuatro001.html>> (outubro de 2011)

<<http://pt.scribd.com/doc/19199206/Mundo-Livre-Sa-Juliano-Domingues>> (outubro de 2011)

<<http://www.acervoorigens.com/2010/12/orquestra-armorial-29122010.html>> (outubro de 2011)

<<http://www.musicadepernambuco.pe.gov.br/>> (outubro de 2011)

8. ANEXOS

PROGRAMA 1

TEC: ENTRA SOM DE MAR.

NARRADOR: AI, RECIFE! TERRA DE SOL, DE MAR, DE GENTE BONITA, DE COMIDA BOA...

TEC: SOM DE HOMEM VENDENDO CARANGUEJO.

NARRADOR: DE FESTA, DE CARNAVAL, DE MÚSICA!

TEC: ENTRA MÚSICA BORBOLETA NÃO É AVE E CAI EM BG.

NARRADOR: LÁ NÓS ENCONTRAMOS O FREVO...

TEC: MÚSICA SOBE E CAI EM FADE.

NARRADOR: O FORRÓ...

TEC: ENTRA MÚSICA ABC DO SERTÃO E CAI EM FADE.

NARRADOR: O MARACATU...

TEC: ENTRA MÚSICA BRAÇO FORTE E CAI EM FADE.

NARRADOR: O MANGUEBEAT...

TEC: ENTRA MÚSICA MARACATU ATÔMICO E CAI EM BG.

NARRADOR: EI, MAS ESPERA AÍ. O MANGUEBEAT NÃO É UM ESTILO MUSICAL. O MANGUEBEAT FOI UM MOVIMENTO CULTURAL CRIADO NO INÍCIO DOS ANOS 90 EM RECIFE, DE ONDE SURGIRAM DIVERSAS BANDAS DE DIFERENTES ESTILOS. ALÉM DO MARACATU ATÔMICO DE CHICO SCIENCE E NAÇÃO ZUMBI, NO MANGUEBEAT TAMBÉM TINHA O SAMBINHA ENVENENADO DO MUNDO LIVRE S/A...

TEC: MÚSICA CAI EM FADE. ENTRA MÚSICA LIVRE INICIATIVA E CAI EM FADE.

NARRADOR: O REGGAE PERNAMBUCANO DA BANDA EDDIE...

TEC: ENTRA MÚSICA SENTADO NA BEIRA DO RIO E CAI EM FADE.

NARRADOR: E O FORRÓ CONTEMPORÂNEO DO GRUPO MESTRE AMBRÓSIO.

TEC: ENTRA MÚSICA PÉ DE CALÇADA E CAI EM BG.

NARRADOR: NO PROGRAMA DE HOJE, NÓS VAMOS FALAR DO INÍCIO DO MOVIMENTO MANGUE. COMO ELE SURTIU, POR QUÊ ELE SURTIU, QUEM ESTAVA

ENVOLVIDO NA SUA CRIAÇÃO E MUITO MAIS. ESSE É O PRIMEIRO PROGRAMA DA SÉRIE...

TEC: MÚSICA CAI EM FADE. ENTRA VINHETA DO PROGRAMA.

NARRADOR: BOM, PARA ENTENDER COMO O MANGUEBEAT SURTIU, PRIMEIRO NÓS PRECISAMOS SABER O QUE ESTAVA ACONTECENDO EM RECIFE NO FINAL DOS ANOS 80, QUAL ERA O AMBIENTE EM QUE OS RECIFENSES VIVIAM. OS NOTICIÁRIOS DA ÉPOCA MOSTRAVAM QUE A VIDA LÁ NÃO ESTAVA NADA FÁCIL...

TEC: ENTRA MÚSICA LIXO DO MANGUE. ENTRA SOM DE MUDANÇA DE FREQUÊNCIA NO RÁDIO E MÚSICA CAI EM FADE.

ATOR 1: HOJE, RECIFE FOI ELEITA PELO INSTITUTO AMERICANO POPULATION CRISES COMMITTEE A QUARTA PIOR CIDADE DO MUNDO PARA SE VIVER.

TEC: ENTRA SOM DE MUDANÇA DE FREQUÊNCIA NO RÁDIO.

ATOR 2: AGÊNCIAS ANUNCIAM QUE RECIFE DETÉM HOJE O MAIOR ÍNDICE DE DESEMPREGO DO PAÍS.

TEC : ENTRA SOM DE MUDANÇA DE FREQUÊNCIA NO RÁDIO.

ATOR 3: ESTUDOS MOSTRAM QUE MAIS DA METADE DA POPULAÇÃO DE RECIFE MORA EM FAVELAS.

TEC: ENTRA SOM DE MUDANÇA DE FREQUÊNCIA NO RÁDIO. VOLTA MÚSICA LIXO DO MANGUE E CAI EM BG.

NARRADOR: A SITUAÇÃO EM RECIFE NÃO ERA NADA BOA. A ECONOMIA ESTAVA EM CRISE E A POBREZA E O DESEMPREGO AUMENTAVAM CADA VEZ MAIS. ENQUANTO UNS ENFRENTAVAM O MAU CHEIRO DOS ESGOTOS A CÉU ABERTO NO CENTRO DA CIDADE...

TEC: MÚSICA CAI EM FADE. ENTRA SOM DE MANGUEZAL (ÁGUA, INSETOS, LAMA).

NARRADOR: OUTROS AFUNDAVAM OS PÉS NA LAMA DOS MANGUEZAIS PRA CATAR CARANGUEJO.

TEC: ENTRA MÚSICA PEIXINHOS E CAI EM BG.

NARRADOR: SIM, CATAR CARANGUEJO! O MANGUE É UM ECOSISTEMA QUE SE FORMA NA PARTE EM QUE A ÁGUA DOS RIOS DESEMBOCA NO MAR. ESSA

REGIÃO É MUITO RICA E TEM UMA VARIEDADE MUITO GRANDE DE PESCADOS. COMO BOA PARTE DE RECIFE FOI CONSTRUÍDA SOBRE MANGUEZAIS, A VEGETAÇÃO DO MANGUE ESTÁ PRESENTE EM VÁRIAS PARTES DA CIDADE, E MUITAS FAMÍLIAS POBRES TIRAM O SEU SUSTENTO DESSAS REGIÕES, COMENDO E VENDENDO OS CARANGUEJOS. NO ROMANCE "HOMENS E CARANGUEJOS", DE 1967, O DEMÓGRAFO PERNAMBUCANO JOSUÉ DE CASTRO FALA DA RELAÇÃO DOS MANGUES COM A POBREZA. DE COMO OS HOMENS SE ASSEMELHAM AOS CARANGUEJOS, VIVENDO NA LAMA DO MANGUE, E COMENDO O QUE ENCONTRAM NESSA REGIÃO.

TEC: MÚSICA CAI EM FADE. ENTRA MÚSICA CHICO RURAL.

ATOR: "OS MANGUES DO RECIFE SÃO O PARAÍSO DOS CARANGUEJOS. SE A TERRA FOI FEITA PARA O HOMEM COM TUDO PARA BEM SERVÍ-LO, O MANGUE FOI FEITO ESSENCIALMENTE PARA O CARANGUEJO. TUDO AÍ É, FOI OU ESTÁ PARA SER CARANGUEJO, INCLUSIVE A LAMA E O HOMEM QUE VIVE NELA. A LAMA MISTURADA COM URINA, EXCREMENTO E OUTROS RESÍDUOS QUE A MARÉ TRAZ, QUANDO AINDA NÃO É CARANGUEJO VAI SER. O CARANGUEJO NASCE NELA, VIVE DELA, CRESCE COMENDO LAMA, ENGORDANDO COM AS PORCARIAS DELA, FABRICANDO COM A LAMA A CARNINHA BRANCA DE SUAS PATAS E A GELEIA ESVERDEADA DE SUAS VISCERAS PEGAJOSAS. POR OUTRO LADO, O POVO DAÍ VIVE DE PEGAR CARANGUEJO, CHUPAR-LHE AS PATAS, COMER E LAMBER OS SEUS CASCOS ATÉ QUE FIQUEM LIMPOS COMO UM COPO E COM SUA CARNE FEITA DE LAMA FAZER A CARNE DO SEU CORPO E O CORPO DE SEUS FILHOS. SÃO DUZENTOS MIL INDIVÍDUOS, DUZENTOS MIL CIDADÃOS FEITOS DE CARNE DE CARANGUEJOS. O QUE O ORGANISMO REJEITA VOLTA COMO DETRITO PARA A LAMA DO MANGUE PARA VIRAR CARANGUEJO OUTRA VEZ. NESTA APARENTE PLACIDEZ DO CHARCO DESENROLA-SE TRÁGICO E SILENCIOSO O CICLO DO CARANGUEJO. O CICLO DA FOME DEVORANDO OS HOMENS E OS CARANGUEJOS, TODOS ATOLADOS NA LAMA."

TEC: MÚSICA CAI EM FADE.

NARRADOR: OS RECIFENSES VIVIAM CARA A CARA COM A MISÉRIA, COM A DESIGUALDADE, COM A VIOLÊNCIA, COM O CAOS URBANO, E COM UMA SÉRIE

DE PROBLEMAS DE UMA METRÓPOLE EM CRISE. O CENÁRIO DOS ANOS 80 ERA ANGUSTIANTE PARA BOA PARTE DA POPULAÇÃO.

TEC: ENTRA MÚSICA EU TÔ CANSADO DESSA MERDA E CAI EM BG.

NARRADOR: MAS SABE AQUELA TEORIA DE QUE QUANTO PIOR É A SITUAÇÃO EM QUE AS PESSOAS SE ENCONTRAM, MAIOR É O POTENCIAL QUE ELAS TÊM PRA CRIAR COISAS NOVAS?

TEC: MÚSICA CAI EM FADE. ENTRA MÚSICA DA LAMA AO CAOS E CAI EM BG.

NARRADOR: UM GRUPO DE AMIGOS COMEÇOU A SE MOBILIZAR PARA TIRAR RECIFE DO ESTADO CAÓTICO EM QUE A CIDADE SE ENCONTRAVA E ACABOU CRIANDO UM MOVIMENTO CULTURAL SUPER ORIGINAL: O MANGUEBEAT.

TEC: MÚSICA CAI EM FADE. ENTRA MÚSICA MANGUEBIT E CAI EM BG.

NARRADOR: RENATO L, QUE FAZIA PARTE DA TURMA QUE CRIOU O MANGUEBEAT, CONTA QUE ELE E SEUS AMIGOS PASSAVAM POR UM DILEMA: IR EMBORA DE RECIFE, OU FICAR E TRANSFORMAR A CIDADE. COMO NÓS VIMOS, E PARA A SORTE DE RECIFE, ELES ESCOLHERAM A SEGUNDA OPÇÃO.

TEC: MÚSICA CAI EM FADE E ENTRA SONORA RENATO L.

NARRADOR: MAS TRANSFORMAR A CIDADE COMO? QUAL ERA A PROPOSTA DO MANGUEBEAT? BOM, ALÉM DE RENATO L, AS PRINCIPAIS CABEÇAS DO MOVIMENTO ERAM FRED ZERO QUATRO, CHICO SCIENCE, HELDER ARAGÃO E MABUSE. TODOS ELES ERAM APAIXONADOS POR MÚSICA. OS RAPAZES CURTIAM SKA...

TEC: ENTRA MÚSICA GUNS OF NAVARONE E CAI EM FADE.

NARRADOR: HIP HOP...

TEC: ENTRA MÚSICA THE BREAKS E CAI EM FADE.

NARRADOR: ROCK ATERNATIVO...

TEC: ENTRA MÚSICA RED RIGHT HAND E CAI EM FADE.

NARRADOR: E VÁRIOS OUTROS SONS. AO MESMO TEMPO EM QUE OS CHAMADOS MANGUEBOYS QUERIAM MUDAR A CARA DE RECIFE, ELES TAMBÉM QUERIAM CRIAR UMA MÚSICA NOVA, UMA MÚSICA PRÓPRIA, QUE TIVESSE A VER COM A CULTURA PERNAMBUCANA E QUE TAMBÉM FOSSE UMA COISA CONTEMPORÂNEA. HELDER ARAGÃO CONTA QUE ESSA BUSCA POR UM NOVO

SOM FUNCIONOU COMO PONTO DE PARTIDA PARA QUE O MANGUEBEAT SURGISSE.

TEC: ENTRA SONORA HELDER (1083). ENTRA MÚSICA MANGUETOWN (LOUSTAL) E CAI EM BG.

NARRADOR: AS PRIMEIRAS BANDAS DO MOVIMENTO MANGUE FORAM O MUNDO LIVRE S/A E CHICO SCIENCE E NAÇÃO ZUMBI. ANTES DO MANGUEBEAT SURGIR, CHICO SCIENCE FAZIA PARTE DE UMA BANDA DE ROCK E HIP HOP CHAMADA LOUSTAL. NA EMPRESA ONDE TRABALHAVA, CHICO CONHECEU GILMAR BOLA OITO, QUE TOCAVA EM UM GRUPO DE PERCUSSÃO CHAMADO LAMENTO NEGRO. FOI ATRAVÉS DO CONTATO COM O LAMENTO NEGRO, QUE CHICO TEVE A GRANDE SACADA DA VEZ: MISTURAR O SOM QUE VINHA FAZENDO...

TEC: MÚSICA SOBE E CAI EM FADE.

NARRADOR: COM A FORÇA E O DINAMISMO DOS TAMBORES DO MARACATU!

TEC: ENTRA MÚSICA MARACATU E CAI EM BG.

NARRADOR: O MARACATU É UMA MANIFESTAÇÃO POPULAR QUE VEIO DA ÁFRICA, COM OS ESCRAVOS NEGROS, E QUE GANHOU EM PERNAMBUCO UMA FORÇA QUE NÃO TEM EM NENHUM OUTRO LUGAR. NO MARACATU, É CELEBRADA A COROAÇÃO DOS REIS E RAINHAS NEGROS. ENQUANTO OS PERSONAGENS ENCENAM O CORTEJO, OS MÚSICOS TOCAM CANÇÕES COM RITMOS FORTES FEITOS COM INSTRUMENTOS DE PERCUSSÃO.

TEC: MÚSICA CAI EM FADE.

NARRADOR: OS PRINCIPAIS INSTRUMENTOS DO MARACATU SÃO O GONGUÊ...

TEC: ENTRA SOM DO GONGUÊ E CAI EM FADE.

NARRADOR: AS CAIXAS DE GUERRA...

TEC: ENTRA SOM DAS CAIXAS E CAI EM FADE.

NARRADOR: E AS ALFAIAS.

TEC: ENTRA SOM DAS ALFAIAS E CAI EM FADE.

NARRADOR: A BATIDA PERFEITA QUE CHICO SCIENCE PROCURAVA ESTAVA AÍ, NA MISTURA DO HIP HOP COM O MARACATU. ERA UM SOM NOVO, FORTE E QUE DIALOGAVA COM A CULTURA PERNAMBUCANA.

TEC: ENTRA MÚSICA MARACATU DE TIRO CERTEIRO E CAI EM BG.

NARRADOR: UM DIA, DEPOIS DE ENSAIAR COM O GRUPO LAMENTO NEGRO, CHICO FOI BATER UM PAPO COM OS AMIGOS NO BAR CANTINHO DAS GRAÇAS E DISSE QUE TINHA CRIADO UM NOVO SOM E QUE IRIA CHAMAR ESSE SOM DE MANGUE. RENATO L CONTA QUE TODO MUNDO GOSTOU MUITO DA IDEIA DE MANGUE, E SUGERIU QUE ESSE NOME FOSSE USADO PARA CHAMAR TODAS AS MANIFESTAÇÕES QUE AQUELA TURMA ESTAVA COMEÇANDO A FAZER.

TEC: MÚSICA CAI EM FADE E ENTRA SONORA RENATO L (2).

NARRADOR: PARA FALAR A VERDADE, O MANGUEBEAT NÃO TINHA A PRETENSÃO DE SER UM MOVIMENTO. ERA UMA MOVIMENTAÇÃO CULTURAL QUE ESSA TURMA DE AMIGOS ESTAVA TENTANDO CRIAR NA CIDADE ATRAVÉS DE SHOWS, FESTAS E UMA SÉRIE DE MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS. MAS EM 1991, FRED ZERO QUATRO, UM DOS CABEÇAS DO MANGUEBEAT, ESCREVEU UM RELEASE PARA DIVULGAR AS BANDAS MANGUE QUE ACABOU DANDO UMA CARA DE MOVIMENTO AO MANGUEBEAT.

TEC: ENTRA MÚSICA SALUSTIANO SONG.

ATOR: "EMERGÊNCIA! UM CHOQUE RÁPIDO, OU RECIFE MORRE DE INFARTO! O QUE FAZER PARA NÃO AFUNDAR NA DEPRESSÃO CRÔNICA QUE PARALISA OS CIDADÃOS? COMO DEVOLVER O ÂNIMO, DESLOBOTOMIZAR E RECARREGAR AS BATERIAS DA CIDADE? SIMPLES! BASTA INJETAR UM POUCO DE ENERGIA NA LAMA E ESTIMULAR O QUE AINDA RESTA DE FERTILIDADE NAS VEIAS DO RECIFE."

TEC: MÚSICA CAI EM FADE.

NARRADOR: ALÉM DE DIVULGAR AS BANDAS MANGUE, O RELEASE QUERIA ALERTAR OS RECIFENSES PARA O ESTADO GRAVE EM QUE RECIFE SE ENCONTRAVA E MOSTRAR QUE ERA POSSÍVEL TRANSFORMAR A CIDADE ATRAVÉS DA CULTURA. A ESTRATÉGIA DE FRED ZERO QUATRO PARA CHAMAR A ATENÇÃO FOI USAR UMA SÉRIE DE CONCEITOS, GÍRIAS E IMAGENS QUE PUDESSEM DAR UMA CARA ÀS MANIFESTAÇÕES QUE A SUA TURMA VINHA FAZENDO.

ATOR: MANGUE, ANTENA PARABÓLICA, CARANGUEJOS COM CÉREBRO, LAMA, MANGUETOWN...

NARRADOR: O RELEASE FOI TÃO BEM ESCRITO E O SEU CONTEÚDO ERA TÃO FORTE, QUE ELE FOI PUBLICADO NA IMPRENSA COMO UM MANIFESTO. RENATO L CONTA QUE FOI A PARTIR DE UMA SÉRIE DE EVENTOS E DA DIVULGAÇÃO DO RELEASE "CARANGUEJOS COM CÉREBRO" QUE O MANGUEBEAT COMEÇOU A TOMAR CORPO.

TEC: ENTRA SONORA RENATO L (3). ENTRA MÚSICA ANTENE-SE E CAI EM BG.

NARRADOR: NÓS ACABAMOS DE VER COMO UM GRUPO DE JOVENS INSATISFEITOS COM O CENÁRIO RECIFENSE DOS ANOS 80 DECIDIU AGIR E CRIAR UM NOVO MOVIMENTO CULTURAL NA CIDADE ATRAVÉS DA MÚSICA. NO PRÓXIMO PROGRAMA, NOS VAMOS FALAR SOBRE A TURMA QUE CRIOU O MANGUEBEAT. QUEM ERAM OS MANGUEBOYS? O QUE ELES CURTIAM? O QUE ELES TINHAM PRA DIZER? COMO ERA A MÚSICA DELES? SE EU FOSSE VOCÊ, EU NÃO PERDERIA!

TEC: MÚSICA CAI EM FADE.

PROGRAMA 2

TEC: ENTRA MÚSICA O CIDADÃO DO MUNDO E CAI EM BG. ENTRA SONORA RENATO L (4).

NARRADOR: PARA ALGUMAS PESSOAS, A MÚSICA NÃO É SÓ UM HOBBIE. É UMA PAIXÃO, É UMA FERRAMENTA PARA SE VER O MUNDO DE OUTRA FORMA, PARA SE AGIR DE OUTRA FORMA. O RELATO QUE VOCÊ ACABOU DE ESCUTAR É DE RENATO L, UM DOS CABEÇAS DO MANGUEBEAT, UM MOVIMENTO CULTURAL QUE SURTIU EM RECIFE NO COMEÇO DOS ANOS 90. NA SUA FALA, RENATO MOSTRA COMO A TURMA QUE CRIOU O MANGUEBEAT ERA APAIXONADA POR MÚSICA E COMO ESSE INTERESSE EM COMUM ACABOU OS UNINDO.

TEC: MÚSICA CAI EM FADE. ENTRA MÚSICA DESTRUINDO A CAMADA DE OZÔNIO E CAI EM BG.

NARRADOR: O MANGUEBEAT MEXEU COM O CENÁRIO MUSICAL DE RECIFE NOS ANOS 90, TRAZENDO UMA NOVA LEVA DE BANDAS CRIATIVAS, ORIGINAIS E CHEIAS DE ATITUDE. NO PROGRAMA DE HOJE, NÓS VAMOS CONHECER OS RAPAZES QUE CRIARAM O MOVIMENTO. O QUE ELES CURTIAM, O QUE ELES FAZIAM, O QUE ELES TINHAM PARA DIZER, E COMO ESSES GOSTOS E INTERESSES EM COMUM TORNARAM POSSÍVEL A FORMAÇÃO DO MOVIMENTO MANGUE. ESSE É O SEGUNDO PROGRAMA DA SÉRIE...

TEC: MÚSICA CAI EM FADE. ENTRA VINHETA DO PROGRAMA.

NARRADOR: ATÉ OS ANOS 80, ACOMPANHAR AS NOVIDADES QUE SURTIAM NA MÚSICA ESTRANGEIRA MAIS ALTERNATIVA ERA UMA COISA MUITO DIFÍCIL NO BRASIL. ALÉM DE NÃO EXISTIREM AS POSSIBILIDADES DA INTERNET, ESSE TIPO DE MÚSICA NÃO TOCAVA NA MÍDIA E ERA PRATICAMENTE IMPOSSÍVEL CONSEGUIR IMPORTAR DISCOS. OS JOVENS QUE CONSEGUIAM FURAR ESSE CERCO E CHEGAR A ESSA MÚSICA, RAPIDAMENTE SE JUNTAVAM COM OS AMIGOS PARA TROCAR FIGURINHAS.

TEC: ENTRA SOM AMBIENTE DE RUA.

ATOR 1 (OFEGANTE): MERMAO, TU NÃO VAI ACREDITAR!

ATOR 2 (CURIOSO): OXE, O QUE FOI, MERMÃO? DIGA AÍ!

ATOR 1: EU CONSEGUI O DISCO NOVO DO DEAD KENNEDYS, AQUI Ó! TÁ QUENTINHO!

ATOR 2: CARA, EU NÃO ACREDITO, NÃO, VELHO! EU TAVA LOUCO PRA ESCUTAR ESSE DISCO!

ATOR 1: EI, BORA LÁ PRA CASA! EU TAVA INDO ESCUTAR AGORINHA MESMO!

ATOR 2: OXE! BORA, BORA!

TEC: SOM AMBIENTE SAI. ENTRA MÚSICA TOO DRUNK TO FUCK E CAI EM BG.

NARRADOR: RENATO L, FRED ZERO QUATRO, MABUSE E HELDER ARAGÃO, OS FUTUROS MANGUEBOYS, ERAM DESSES JOVENS QUE FAZIAM DE TUDO PELA MÚSICA. ELES SAÍAM COPIANDO FITAS CASSETES, DISPUTANDO REVISTAS DE MUSICA NAS BANCAS DOS AEROPORTOS E DE VEZ EM QUANDO ATÉ CONSEGUIAM DESCOLAR UNS DISCOS IMPORTADOS. HELDER ARAGÃO CONTA COMO ESSA PAIXÃO EM COMUM FEZ COM QUE ELES SE TORNASSEM AMIGOS.

TEC: MÚSICA CAI EM FADE. ENTRA SONORA HELDER (1083.2).

NARRADOR: ENQUANTO RENATO, FRED E MABUSE SE ENCONTRAVAM PARA OUVIR MÚSICA E CONVERSAR NO APARTAMENTO DE HELDER, NO BAIRRO DAS GRAÇAS, EM RECIFE, A ALGUNS QUILOMETROS DE DISTÂNCIA...

TEC: ENTRA SOM DE MUDANÇA DE ESPAÇO.

NARRADOR: ...NO BAIRRO DE RIO DOCE, EM OLINDA...

TEC: ENTRA MÚSICA PLANET ROCK E CAI EM BG.

NARRADOR: OS AMIGOS CHICO SCIENCE E JORGE DU PEIXE FREQUENTAVAM AS RODAS DE BREAK, UMA FORMA DE DANÇA DE RUA QUE ACOMPANHA O RAP. ALÉM DE HIP HOP, CHICO E JORGE CURTIAM MÚSICA ELETRÔNICA, FUNK, SOUL E VÁRIOS OUTROS TIPOS DE MÚSICA.

TEC: MUSICA CAI EM FADE. ENTRA MÚSICA GET UP E CAI EM BG.

NARRADOR: UM DIA, EM 1986, ENQUANTO FRED ZERO QUATRO E MABUSE ESTAVAM GRAVANDO UM PROGRAMA NA RÁDIO TRANSAMÉRICA, CHICO SCIENCE CHEGA NA EMISSORA COM DISCOS DO JAMES BROWN EMBAIXO DOS BRAÇOS PARA TROCAR UMA IDEIA. A PARTIR DESSE ENCONTRO, AS TURMAS DE RECIFE E DE OLINDA SE JUNTAM E COMEÇAM A DESCOBRIR VÁRIOS OUTROS SONS. MAS O QUE ELES QUERIAM MESMO ERA CRIAR UMA MÚSICA PRÓPRIA.

TEC: MUSICA CAI EM FADE.

NARRADOR: FRED ZERO QUATRO, UM DOS CABEÇAS DO MOVIMENTO MANGUE, FOI O PRIMEIRO A FORMAR UMA BANDA. NO INÍCIO DOS ANOS 80, ELE JÁ HAVIA PARTICIPADO DE TRÊS GRUPOS: O TRAPAÇA, O SERVIÇO SUJO E O CÂMBIO NEGRO HC. TODOS DE PUNK ROCK. MAS UMA BANDA ESTRANGEIRA EM ESPECIAL FEZ COM QUE ELE ABRISSE A SUA MENTE PARA NOVAS POSSIBILIDADES MUSICAIS.

TEC: ENTRA MUSICA ROCK THE CASBAH E CAI EM BG.

NARRADOR: COM O THE CLASH, FRED ZERO QUATRO VIU QUE UMA BANDA NÃO PRECISAVA SE LIMITAR A UM GÊNERO ESPECÍFICO. O THE CLASH FAZIA UMA MISTURA SENSACIONAL DE PUNK COM RITMOS JAMAICANOS, COMO O REGGAE, O DUB E O SKA.

TEC: MÚSICA CAI EM FADE. ENTRA MÚSICA OS ALQUIMISTAS ESTÃO CHEGANDO E CAI EM BG.

NARRADOR: ALÉM DO THE CLASH, FRED TAMBÉM ERA LOUCO PELA MÚSICA DE JORGE BEN. ENTÃO ELE PENSOU: POR QUE NÃO MISTURAR O PUNK COM O SAMBA? E FOI AÍ QUE SURTIU UMA DAS BANDAS MAIS IMPORTANTES DO MANGUEBEAT: O MUNDO LIVRE S/A.

TEC: MÚSICA CAI EM FADE. ENTRA RIOS (SMART DRUGS), PONTES E OVERDRIVES E CAI EM BG.

NARRADOR: O MUNDO LIVRE S/A COMEÇOU EM 1984, COM FRED ZERO QUATRO NOS VOCAIS, FÁBIO GORÓ NO BAIXO, NEGUINHO NA GUITARRA E AVRON NA BATERIA. LOGO, AVRON SERIA SUBSTITUÍDO POR TONY MAREZIA, E ENTRARIAM BACTÉRIA NOS TECLADOS E OTTO NA PERCUSSÃO.

TEC: MÚSICA CAI EM FADE.

NARRADOR: O MUNDO LIVRE NÃO ERA INFLUENCIADO APENAS PELA MÚSICA PUNK, MAS TAMBÉM PELA ATITUDE PUNK.

TEC: ENTRA MÚSICA GOD SAVE THE QUEEN E CAI EM BG.

NARRADOR: A BANDA QUERIA ENVENENAR O SISTEMA COM AS SUAS MÚSICAS, QUE TRATAVAM DE PROBLEMAS POLÍTICOS E SOCIAIS COMO O DESEMPREGO, A

GUERRA E A VIOLÊNCIA, AO MESMO TEMPO EM QUE FALAVAM DE DROGAS, SEXO E DIVERSÃO. TUDO DE FORMA MUITO IRÔNICA E SARCÁSTICA.

TEC: MÚSICA CAI EM FADE. ENTRA MÚSICA MILITANDO NA CONTRA-INFORMAÇÃO E CAI EM BG.

NARRADOR: PARA FAZER A LETRA DA MÚSICA MILITANDO NA CONTRA-INFORMAÇÃO, FRED ZERO QUATRO USOU UMA CONVERSA POLÊMICA QUE O EX-MINISTRO DA FAZENDA, RUBENS RICUPERO, TEVE COM UM JORNALISTA DA REDE GLOBO EM 1994. NO DIÁLOGO, O MINISTRO DIZIA QUE NÃO TINHA ESCRÚPULOS E QUE A REDE GLOBO NÃO PRECISAVA SE PREOCUPAR COM A ELEIÇÃO DE FERNANDO HENRIQUE CARDOSO PARA PRESIDENTE, PORQUE ELE IRIA FAZER UMA SUPER PROPAGANDA DO PLANO REAL E ESCONDER TODAS AS SUAS FALHAS.

TEC: SOBE TRECHO DA MÚSICA E VOLTA PARA BG.

NARRADOR: A CONVERSA VAZOU E ACABOU SENDO TRANSMITIDA PELOS APARELHOS DE TELEVISÃO QUE TINHAM ANTENAS PARABÓLICAS.

TEC: SOBE TRECHO DA MÚSICA E VOLTA PARA BG.

NARRADOR: POUCO DEPOIS O MINISTRO RENUNCIOU AO CARGO, MAS FERNANDO HENRIQUE CARDOSO FOI ELEITO PRESIDENTE NO PRIMEIRO TURNO.

TEC: MÚSICA SOBE E CAI EM FADE.

NARRADOR: CHICO SCIENCE, OUTRO CABEÇA DO MOVIMENTO MANGUE, FORMOU A SUA PRIMEIRA BANDA EM 1987, A ORLA ORBE, QUE NÃO DUROU MUITO TEMPO. EM 89, CHICO JÁ ESTAVA CANTANDO NA LOUSTAL, COM LÚCIO MAIA NA GUITARRA E ALEXANDRE DENGUE NO BAIXO. ALÉM DO FUNK E DO HIP HOP, A BANDA ERA INFLUENCIADA PELO ROCK CLÁSSICO DE LED ZEPPELIN, DEEP PURPLE E JIMI HENDRIX.

TEC: MÚSICA CAI EM FADE. ENTRA MÚSICA PURPLE HAZE E CAI EM FADE.

NARRADOR: O LAMENTO NEGRO ERA UM GRUPO DE SAMBA-REGGAE QUE FAZIA PARTE DA ONG DARUÊ MALUNGO, UM CENTRO CULTURAL DE APOIO À COMUNIDADE DE PEIXINHOS, UM BAIRRO POBRE DE OLINDA. GILMAR BOLA OITO, UM DOS INTEGRANTES DO LAMENTO NEGRO, TRABALHAVA COM CHICO SCIENCE NA EMPREL, A EMPRESA DE PROCESSAMENTO DE DADOS DA

PREFEITURA DO RECIFE. FOI QUANDO CHICO CONHECEU O LAMENTO NEGRO, QUE ELE PERCEBEU O QUE FALTAVA NO SEU SOM: O PODER DA PERCUSSÃO DA MÚSICA POPULAR!

TEC: ENTRA SOM DARUÊ MALUNGO E CAI EM BG.

NARRADOR: FOI DA UNIÃO DA LOUSTAL COM O LAMENTO NEGRO QUE NASCEU A BANDA CHICO SCIENCE E NAÇÃO ZUMBI. GILMAR BOLA OITO CONTA COMO FOI O ENCONTRO DE CHICO SCIENCE COM O LAMENTO NEGRO E COMO ELAS COMEÇARAM A TOCAR JUNTOS.

TEC: MÚSICA CAI EM FADE E ENTRA SONORA GILMAR (1075). ENTRA MÚSICA BANDITISMO POR UMA QUESTÃO DE CLASSE E CAI EM BG.

NARRADOR: ASSIM COMO O MUNDO LIVRE S/A, A BANDA CHICO SCIENCE E NAÇÃO ZUMBI UTILIZAVA A MÚSICA COMO FORMA DE DENUNCIA SOCIAL. AS SUAS LETRAS FALAVAM DA FOME, DA POBREZA, DO CAOS URBANO E DAS INJUSTIÇAS EM GERAL DE FORMA MUITO CRÍTICA E POÉTICA.

TEC: MÚSICA SOBE E CAI EM FADE.

NARRADOR: AS DUAS BANDAS MANGUE, A CHICO SCIENCE E NAÇÃO ZUMBI E O MUNDO LIVRE S/A, TAMBÉM TINHAM UMA RELAÇÃO MUITO FORTE COM A TECNOLOGIA. NA TURMA DO MANGUEBEAT, MABUSE ERA O MAIS JOVEM E O MAIS ENTUSIASMADO COM AS NOVIDADES TECNOLÓGICAS. QUANDO OS AMIGOS SE REUNIAM PRA CONVERSAR, ELE FALAVA DAS NOVAS POSSIBILIDADES DA INTERNET, DO CYBERESPAÇO, DOS LIVROS DE FICÇÃO CIENTÍFICA, E TODO MUNDO FOI SE EMPOLGANDO MUITO COM O TEMA E COMEÇOU A FALAR SOBRE TECNOLOGIA NAS MÚSICAS.

TEC: ENTRA MÚSICA COMPUTADORES FAZEM ARTE (MUNDO LIVRE) E CAI EM BG.

NARRADOR: A EMPOLGAÇÃO DOS CARAS NÃO ERA SÓ PELO TEMA DA TECNOLOGIA, MAS TAMBÉM PELAS NOVAS POSSIBILIDADES DE GRAVAÇÃO. ELAS PODIAM MISTURAR MELODIAS...

TEC: SOBE TRECHO DA MÚSICA E VOLTA PARA BG.

NARRADOR (COM EFEITO): DUPLICAR VOZES...

TEC: SOBE TRECHO DA MÚSICA E VOLTA PARA BG.

NARRADOR: CRIAR BATIDAS ELETRONICAS...

TEC: SOBE TRECHO DA MÚSICA E VOLTA PARA BG.

NARRADOR: TODAS ESSAS POSSIBILIDADES TECNOLÓGICAS ERAM NOVIDADE PARA ESSA GERAÇÃO. MABUSE CONTA QUE, NO FINAL DOS ANOS 80, ELE, CHICO SCIENCE E JORGE DU PEIXE JÁ FAZIAM EXPERIMENTOS SONOROS COM FERRAMENTAS DIGITAIS NA BANDA DE GARAGEM BOM TOM RÁDIO.

TEC: MÚSICA CAI EM FADE E ENTRA SONORA MABUSE.

NARRADOR: NO INÍCIO DOS ANOS 90, A TURMA DO MANGUEBEAT JÁ ESTAVA CHEIA DE IDEIAS NA CABEÇA: ELES TINHAM CRIADO UM SOM NOVO, QUE ACEITAVA TODO TIPO DE INFLUÊNCIA MUSICAL; E FAZIAM LETRAS INTELIGENTES, QUE FALAVAM DE PROBLEMAS SOCIAIS, DO MUNDO VIRTUAL E DAS PAIXÕES JUVENIS. MAS AINDA ESTAVA FALTANDO UMA COISA. ELES PRECISAVAM CONQUISTAR ESPAÇOS PARA TOCAR NA CIDADE E MOSTRAR PARA AS PESSOAS O QUE ELES VINHAM FAZENDO.

TEC: ENTRA MÚSICA A PRAIEIRA E CAI EM BG.

NARRADOR: NO PRÓXIMO PROGRAMA, NÓS VAMOS VER O QUE OS MANGUEBOYS FIZERAM PARA CHAMAR ATENÇÃO PARA A MÚSICA DELES E COMO O MOVIMENTO MANGUE ACABOU MEXENDO COM A PRODUÇÃO NAS OUTRAS ÁREAS DA CULTURA EM RECIFE. ATÉ LÁ!

TEC: MÚSICA CAI EM FADE.

PROGRAMA 3

TEC: ENTRA MÚSICA UM PASSEIO NO MUNDO LIVRE E CAI EM BG. ENTRA SONORA FRED (1027).

NARRADOR: O CARA QUE VOCÊ ACABOU DE ESCUTAR É FRED ZERO QUATRO, VOCALISTA DA BANDA MUNDO LIVRE S/A E UM DOS CRIADORES DO MANGUEBEAT, O MOVIMENTO CULTURAL QUE TOMOU CONTA DE RECIFE NO INÍCIO DOS ANOS 90. PELA FALA DE FRED, DÁ PARA PERCEBER QUE O MANGUEBEAT NÃO ERA SÓ UMA CURTIÇÃO. O PESSOAL QUE CRIOU O MOVIMENTO TEVE QUE RALAR PARA CONQUISTAR UM ESPAÇO NO CENÁRIO MUSICAL DA CIDADE E FAZER COM QUE AS SUAS BANDAS FOSSEM RECONHECIDAS.

TEC: MÚSICA CAI EM FADE. ENTRA MÚSICA GIRANDO EM TORNO DO SOL E CAI EM BG.

NARRADOR: A BUSCA DOS MANGUEBOYS POR UMA MUDANÇA NO CENÁRIO MUSICAL RECIFENSE ACABOU ESTIMULANDO A PRODUÇÃO EM OUTRAS ARTES E MEXEU COM TODO O CENÁRIO CULTURAL DE RECIFE. NOS PROGRAMAS ANTERIORES, NÓS VIMOS COMO O MANGUEBEAT SURTIU E CONHECEMOS A TURMA DE JOVENS QUE CRIOU O MOVIMENTO. HOJE, NÓS VAMOS SABER O QUE ESSA TURMA FEZ PARA QUE A CIDADE ABRISSE OS OLHOS PARA ESSAS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS QUE TEIMARAM EM SURTIR. ESSE É O TERCEIRO PROGRAMA DA SÉRIE...

TEC: MÚSICA CAI EM FADE. ENTRA VINHETA DO PROGRAMA. ENTRA SOM AMBIENTE DE CIDADE GRANDE.

NARRADOR: NO FINAL DOS ANOS 80, A REGIÃO METROPOLITANA DE RECIFE TINHA QUASE TRÊS MILHÕES DE HABITANTES, UM TRÂNSITO CAÓTICO E UMA TAXA DE POLUIÇÃO DIGNA DE GRANDES CENTROS URBANOS, MAS NÃO TINHA UM CIRCUITO DE MÚSICA DECENTE. NÃO EXISTIAM CASAS DE SHOWS, O PODER PÚBLICO NÃO INVESTIA EM PALCOS ALTERNATIVOS, E OS BARES, QUE FECHAVAM AS DUAS HORAS DA MANHÃ, SÓ TOCAVAM CANÇÕES A VOZ E VIOLÃO.

TEC: SOM AMBIENTE SAI. ENTRA MÚSICA TANTO QUERER E CAI EM FADE.

NARRADOR: MAS EM 1991, O JOVEM ROGER DE RENOR PRESTOU UM GRANDE SERVIÇO À POPULAÇÃO RECIFENSE . ELE ABRIU A SOPARIA, UM BAR QUE TINHA DOIS OBJETIVOS: SERVIR SOPA E NÃO TER HORA PARA FECHAR. ROGER DE RENOR CONTA COMO O SEU BAR SE TORNOU FAMOSO POR ABRIGAR OS JOVENS ARTISTAS DA CIDADE QUE ESTAVAM AFIM DE DIVULGAR OS SEUS TRABALHOS.

TEC: ENTRA MÚSICA MACÔ. MÚSICA CAI EM FADE E ENTRA SONORA ROGER.

NARRADOR: ALÉM DE TOCAR NA SOPARIA, AS BANDAS MANGUE, CHICO SCIENCE E NAÇÃO ZUMBI E MUNDO LIVRE S/A, QUERIAM ACHAR LUGARES PARA FAZEREM FESTAS, COM DISCOTAGEM E TUDO MAIS. ROGER DE RENOR LEMBRA QUE UMA DAS SAIDAS ENCONTRADAS PELOS RAPAZES FOI ALUGAR BÓRDEIS DECADENTES NO CENTRO DA CIDADE.

TEC: ENTRA MÚSICA BOATE AZUL. MÚSICA CAI EM FADE E ENTRA SONORA ROGER (2).

NARRADOR: AS BANDAS MUNDO LIVRE S/A E CHICO SCIENCE E NAÇÃO ZUMBI VINHAM AGITANDO SHOWS COLETIVOS DESDE O INÍCIO DOS ANOS 90. O PLANO DAS BANDAS ERA CRIAR UMA MOVIMENTAÇÃO CULTURAL NA CIDADE ATRAVÉS DE UMA SÉRIE DE EVENTOS. FOI AÍ QUE OS MANGUEBOYS TIVERAM UMA IDEIA GENIAL PARA CHAMAR A ATENÇÃO PARA ESSES EVENTOS: CRIAR UM RÓTULO.

TEC: ENTRA MÚSICA MANGUEBIT E CAI EM BG.

NARRADOR: O CONCEITO MANGUE RAPIDAMENTE CHAMOU A ATENÇÃO DA MÍDIA LOCAL. FAZIA TEMPO QUE NÃO SURGIA NADA DE NOVO NA MÚSICA RECIFENSE. E OS JORNALISTAS NÃO AGUENTAVAM MAIS ESCREVER SOBRE O MARASMO CULTURAL DA CIDADE...

TEC: MÚSICA CAI EM FADE. ENTRA SOM AMBIENTE DE REDAÇÃO DE JORNAL.

ATOR 1: CARA, TÔ SEM IDEIA NENHUMA DO QUE ESCREVER NA MINHA COLUNA DE MÚSICA. TEM ALGUMA SUGESTÃO?

ATOR 2: PÔ, CARA, NÃO SEI, NAO... NÃO APARECEU NENHUMA BANDINHA LEGAL NA CIDADE?

ATOR 1: NÃO, NADA DE NOVO, NADA, NADA, AS MESMAS MÚSICAS DE SEMPRE...

ATOR 2: OXE, ENTÃO ESCREVE ISSO NA PRÓXIMA COLUNA! FALA QUE TÁ FALTANDO UM SOM NOVO EM RECIFE.

ATOR 1: EU JÁ FALEI DISSO NA MINHA ÚLTIMA COLUNA...

ATOR 2: E SOBRE A FALTA DE CASAS DE SHOWS NA CIDADE?

ATOR 1: TAMBÉM, FALEI DISSO NA PENÚLTIMA COLUNA.

ATOR 2: ENTÃO FALA DA FALTA DE PRODUTORES!

ATOR 1: JÁ FOI. JÁ TEM TROCENAS COLUNAS SOBRE ISSO.

ATOR 2: ENTÃO DÁ UM PAU NA FALTA DE PÚBLICO!

ATOR 1: AHAM. ISSO TAMBÉM JÁ FOI ESCRITO.

ATOR 2: PÔ, VELHO. ENTÃO ESCREVE LOGO SOBRE O SUCESSO DE ALCEU VALENÇA, QUE RESOLVE TUDO!

TEC: SOM AMBIENTE SAI. ENTRA MÚSICA TROPICANA E CAI EM FADE.

NARRADOR: PARA AJUDAR A DIVULGAR AS BANDAS MANGUE, FRED ZERO QUATRO, UM DOS CABEÇAS DO MOVIMENTO E VOCALISTA DO MUNDO LIVRE S/A, ESCREVEU UM RELEASE E O ENTREGOU À IMPRENSA. NESSE RELEASE, FRED COMPAROU A IDEIA DA DIVERSIDADE BIOLÓGICA DOS MANGUEZAIS COM A RIQUEZA DE BANDAS E RITMOS DO RECIFE. ESSA FOI UMA FORMA DE DIZER QUE O MANGUEBEAT NÃO ERA O MOVIMENTO DA BANDA X OU DA BANDA Y. O MANGUEBEAT QUERIA ABRIR ESPAÇO PARA QUALQUER TIPO DE MANIFESTAÇÃO CULTURAL DA CIDADE. MABUSE, OUTRO CABEÇA DO MOVIMENTO, CONTA COMO A IDEIA DO MANGUE AJUDOU A UNIR AS BANDAS DE RECIFE.

TEC: ENTRA SONORA MABUSE (2). ENTRA MÚSICA CIDADE ESTUÁRIO E CAI EM BG.

NARRADOR: COMO MABUSE DISSE, AS BANDAS QUE PARTICIPAVAM DO MANGUEBEAT NÃO FAZIAM O MESMO SOM. NO MOVIMENTO MANGUE HAVIA ESPAÇO PARA QUALQUER BANDA DE QUALQUER ESTILO. O QUE ELAS TINHAM QUE TER EM COMUM ERA A ORIGEM PERNAMBUCANA E UMA VONTADE DE MUDAR O CENÁRIO CULTURAL DA CIDADE.

TEC: MÚSICA CAI EM FADE.

NARRADOR: NO MOVIMENTO MANGUE HAVIA O PUNK ROCK DO DEVOTOS...

TEC: ENTRA MÚSICA PUNK ROCK HARDCORE ALTO JOSE DO PINHO E CAI EM FADE.

NARRADOR: O RAP DO FACES DO SUBÚRBIO...

TEC: ENTRA MÚSICA HOMENS FARDADOS E CAI EM FADE.

NARRADOR: E MAIS UMA SÉRIE DE GRUPOS QUE MISTURAVAM A MÚSICA POP CONTEMPORÂNEA COM RITMOS TRADICIONAIS. O MESTRE AMBRÓSIO ERA UM DELES.

TEC: ENTRA MÚSICA FUÁ NA CASA DE CABRAL E CAI EM BG.

NARRADOR: O GRUPO MESTRE AMBRÓSIO SURTIU EM 1992, COM SIBA NOS VOCAIS, HÉLDER VASCONCELOS NA GUITARRA, E EDER "O" ROCHA NA PERCUSSÃO. A INFLUÊNCIA INICIAL DA BANDA FOI O ROCK, MAS ESSE JOVENS ESTAVAM ATRÁS DE UMA MÚSICA COM UMA IDENTIDADE MAIS FORTE. E COMEÇARAM A BUSCAR REFERÊNCIAS NA CULTURA POPULAR PERNAMBUCANA.

TEC: MÚSICA CAI EM FADE.

NARRADOR: FOI AÍ QUE ELES SE DEPARARAM COM RITMOS COMO O COCO...

TEC: ENTRA MÚSICA A ROLINHA E CAI EM FADE.

NARRADOR: A CIRANDA...

TEC: ENTRA MÚSICA EU SOU LIA E CAI EM FADE.

NARRADOR: E O MARACATU.

TEC: ENTRA MÚSICA A BANDEIRA É BRASILEIRA E CAI EM FADE.

NARRADOR: O SOM DO MESTRE AMBRÓSIO VIROU UMA LOUCURA! OS MENINOS FAZIAM UMA MISTURA DE COCO COM MARACATU, FORRÓ COM ROCK, JAZZ COM CIRANDA... FICOU IMPOSSÍVEL ROTULAR! SIBA, QUE ERA O VOCALISTA DO MESTRE AMBRÓSIO, CONTA COMO ESSES RITMOS POPULARES ESTAVAM PRESENTES NO DIA A DIA DO GRUPO E DE QUE FORMA ELES DECIDIRAM USAR ESSAS INFLUÊNCIAS PARA CRIAR UMA MÚSICA NOVA.

TEC: ENTRA SONORA SIBA.

NARRADOR: ESSA MISTURA QUE AS BANDAS MANGUE FAZIAM DA MÚSICA POPULAR COM A MÚSICA ESTRANGEIRA NÃO ERA VISTA COM BONS OLHOS POR TODO O SEGMENTO CULTURAL. OS ARMORIAIS ABOMINAVAM ESSA IDEIA.

TEC: ENTRA MÚSICA MOURÃO E CAI EM BG.

NARRADOR: O MOVIMENTO ARMORIAL FOI CRIADO NO INÍCIO DOS ANOS 70, EM RECIFE, PELO ESCRITOR ARIANO SUASSUNA, COM O OBJETIVO DE "PROTEGER" A CULTURA POPULAR. OS ARMORIAIS DEFENDIAM UMA ARTE TRADICIONAL PURA, QUE NÃO SE MISTURASSE COM INFLUÊNCIAS EXTERNAS. DESSA FORMA ELAS PRETENDIAM VALORIZAR A CULTURA NACIONAL. O ESCRITOR RAIMUNDO CARRERO, QUE PARTICIPAVA DO MOVIMENTO ARMORIAL, FOI RESPONSÁVEL POR ALGUMAS DAS CRÍTICAS FEITAS AO MANGUEBEAT.

ATOR (IMPACIENTE): EU TENHO RESTRIÇÕES AO CAMINHO "GLOBALIZADO" DO MANGUEBEAT. ESSA GERAÇÃO DOS ANOS 90 ESTÁ NEGANDO O CARÁTER NACIONALISTA. EU ACHO ISSO ARRISCADO... QUANDO PERGUNTARAM A NAPOLEÃO POR QUE É QUE ELE NÃO INVADIA A ITÁLIA, ELE RESPONDEU: "NÃO PRECISA, É SÓ ENSINAR FRANCÊS PARA ELES".

TEC: MUSICA CAI EM FADE.

NARRADOR: DIVERGÊNCIAS A PARTE, A VERDADE É QUE A MISTURA DE RITMOS QUE O MANGUEBEAT FAZIA CONSEGUIU CHAMAR ATENÇÃO PARA A CULTURA POPULAR E PARA OS ARTISTAS POPULARES.

TEC: ENTRA MÚSICA SALU NA RABECA É BOM E CAI EM BG.

NARRADOR: MÚSICOS COMO MESTRE SALUSTIANO, SELMA DO COCO E LIA DE ITAMARACÁ SAÍRAM DO ANONIMATO PARA BRILHAREM NOS PALCOS DA CIDADE. O MÚSICO MACIEL SALU, FILHO DE MESTRE SALUSTIANO, QUE É CONSIDERADO POR MUITOS A MAIOR AUTORIDADE EM CULTURA POPULAR DO RECIFE, DIZ QUE ESSA APROXIMAÇÃO DOS JOVENS COM OS RITMOS TRADICIONAIS JÁ VINHA OCORRENDO DESDE OS INÍCIO DOS ANOS 90, E QUE AS BANDAS MANGUE AJUDARAM A FORTALECER ESSA MUDANÇA.

TEC: MÚSICA CAI EM FADE E ENTRA SONORA MACIEL (1092).

NARRADOR: OK. OS MANGUEBOYS CONSEGUIRAM CRIAR UM SOM NOVO, ARRUMAR ESPAÇOS PARA TOCAR NA CIDADE, CHAMAR A ATENÇÃO DA MÍDIA PARA AS SUAS BANDAS E PARA VÁRIOS OUTROS GRUPOS DE ESTILOS DIFERENTES. PORÉM, O MANGUEBEAT NÃO FOI APENAS UM MOVIMENTO

MUSICAL. ELE ACABOU ESTIMULANDO TODA A PRODUÇÃO CULTURAL DE RECIFE!

TEC: ENTRA MÚSICA ANTENE-SE E CAI EM BG.

NARRADOR: DE REPENTE, COMEÇARAM A SURGIR PEÇAS DE TEATRO, ESPETÁCULOS DE DANÇA, COLEÇÕES DE MODA, ROMANCES, ESCULTURAS... TUDO INSPIRADO NO MOVIMENTO MANGUE! PAULO ANDRÉ PIRES, QUE FOI O EMPRESÁRIO DE ALGUMAS BANDAS DO MANGUEBEAT NA ÉPOCA, CONTA COMO ESSA UNIÃO ENTRE AS DIFERENTES ÁREAS DA CULTURA FOI ESPONTÂNEA.

TEC: MÚSICA CAI EM FADE E ENTRA SONORA PAULO ANDRÉ (1054-1063). ENTRA MÚSICA BAILE PERFUMADO E CAI EM BG.

NARRADOR: O "BAILE PERFUMADO", DE PAULO CALDAS E LÍRIO FERREIRA, FOI O PRIMEIRO LONGA METRAGEM DE UMA NOVA GERAÇÃO DE CINEASTAS, QUE ACABOU SENDO INFLUENCIADA PELO MANGUEBEAT. O FILME FOI LANÇADO EM 1997 E GANHOU O PRÊMIO PRINCIPAL DO FESTIVAL DE BRASÍLIA. A SUA TRILHA SONORA FOI TODA FEITA POR CHICO SCIENCE, FRED ZERO QUATRO, SIBA E LÚCIO MAIA, TODOS DA CENA MANGUE. PAULO CALDAS CONTA DE QUE FORMA O MANGUEBEAT INFLUENCIOU O SEU PRIMEIRO TRABALHO.

TEC: MÚSICA CAI EM FADE E ENTRA SONORA PAULO CALDAS.

NARRADOR: OS CINEASTAS NÃO FAZIAM SÓ FILMES. ELES TAMBÉM PRODUZIAM CLIPES E REGISTRAVAM OS SHOWS DAS BANDAS, ENQUANTO OS DESIGNERS FAZIAM A ARTE DOS DISCOS E CARTAZES PARA DIVULGAR OS EVENTOS. A GALERA DO MANGUE FAZIA AS COISAS NA BODAGEM, COMO ELES MESMOS CHAMAVAM, DE FORMA COLABORATIVA. JUNTOS, ELES SABIAM QUE PODIAM MUITO MAIS.

TEC: ENTRA MÚSICA LIVRE INICIATIVA E CAI EM BG.

NARRADOR: O MANGUEBEAT MUDOU COMPLETAMENTE O CENÁRIO CULTURAL DE RECIFE NOS ANOS 90. NÃO SE FALAVA EM OUTRA COISA NA CIDADE. ATÉ QUE CHEGOU UMA HORA EM QUE OS OUTROS ESTADOS TAMBÉM COMEÇARAM A OLHAR PARA LÁ, INTERESSADOS NESSA MOVIMENTAÇÃO TODA QUE ESTAVA ACONTECENDO. NO PRÓXIMO PROGRAMA, NÓS VAMOS VER O QUE OS RECIFENSES FIZERAM PARA ATRAÍR ESSES OLHARES, E COMO ESSA ATENÇÃO

TODA IMPULSIONOU AS CARREIRAS DAS DUAS PRINCIPAIS BANDAS MANGUE: O MUNDO LIVRE S/A E CHICO SCIENCE E NAÇÃO ZUMBI. ATÉ A PRÓXIMA!
TEC: MÚSICA CAI EM FADE.

PROGRAMA 4

TEC: ENTRA MÚSICA MUSA DA ILHA GRANDE E CAI EM BG. ENTRA SONORA MARCELO (1012).

NARRADOR: A ONDA A QUAL O JORNALISTA PERNAMBUCANO MARCELO PEREIRA SE REFERE FOI PROVOCADA PELO MANGUEBEAT, UM MOVIMENTO CULTURAL QUE SURTIU EM RECIFE NO INÍCIO DOS ANOS 90. A TURMA QUE CRIOU O MANGUEBEAT QUERIA MOVIMENTAR O CENÁRIO CULTURAL DA CIDADE FAZENDO UMA SÉRIE DE SHOWS COM AS SUAS BANDAS. NO COMEÇO, O PÚBLICO DOS EVENTOS ERA BEM PEQUENO, MAS A QUALIDADE DA MÚSICA QUE ESSAS BANDAS VINHAM FAZENDO FEZ COM QUE O MOVIMENTO GANHASSE PROPORÇÕES GIGANTESCAS.

TEC: MÚSICA CAI EM FADE. ENTRA MÚSICA ETNIA E CAI EM BG.

NARRADOR: O MANGUEBEAT CONQUISTOU TODO MUNDO. DE JORNALISTAS RECIFENSES A CRÍTICOS AMERICANOS. A IMPRENSA TODA ESTAVA ATRÁS DESSAS NOVAS BANDAS, PRINCIPALMENTE DE CHICO SCIENCE E NAÇÃO ZUMBI E DO MUNDO LIVRE S/A. NO PROGRAMA DE HOJE, NÓS VAMOS FALAR DA REPERCUSSÃO QUE O MOVIMENTO MANGUE TEVE FORA DE RECIFE E QUAIS FORAM AS DIFICULDADES ENCONTRADAS PELAS BANDAS AO LONGO DO CAMINHO. ESSE É O QUARTO PROGRAMA DA SÉRIE...

TEC: MÚSICA CAI EM FADE. ENTRA VINHETA DO PROGRAMA. ENTRA SOM DE MÁQUINA DE ESCREVER.

ATOR: "DA LAMA PARA A FAMA. RECIFE INVENTA O MANGUEBEAT. O MANGUEBEAT NÃO É APENAS UMA CONCEPÇÃO SONORA QUE MISTURA MARACATU, SAMBA, CABOCLINHO, FORRÓ, PASTORIL COM O BOM E VELHO ROCK AND ROLL. O MANGUEBEAT TAMPOUCO É UMA REAÇÃO DE PERNAMBUCANOS CONTRA A PROLIFERAÇÃO DE AXÉ MUSIC NAS LADEIRAS DE OLINDA E BECOS DE RECIFE. O MANGUEBEAT NASCEU DE UMA REPULSA DE DUAS BANDAS CONTRA OS MODELITOS POP IMPORTADOS. UM ANO ERA O PUNK, NO OUTRO ERA O GÓTICO, MAIS NA FRENTE ERA GREBO, E AGORA GRUNGE. ELES SACARAM QUE O RECIFE ERA MUITO MAIS RICO EM MÚSICA DO QUE SEATTLE, ENTÃO RESOLVERAM PARTIR PARA UM SOM AUTORAL."

TEC: SOM DE MÁQUINA DE ESCREVER SAI.

NARRADOR: ESSE É O TRECHO DE UMA MATÉRIA QUE FOI ESCRITA PELO JORNALISTA PERNAMBUCANO JOSÉ TELES E SAIU EM MARÇO DE 1993 NA REVISTA BIZZ. UM POUCO ANTES, NO MESMO MÊS, AS BANDAS CHICO SCIENCE E NAÇÃO ZUMBI E MUNDO LIVRE S/A TINHAM APARECIDO EM UM ESPECIAL DA MTV QUE FOI EXIBIDO NO INTERVALO DA TRANSMISSÃO DO SHOW DO NIRVANA NO BRASIL, OU SEJA, A AUDIÊNCIA NÃO ERA BAIXA. AS BANDAS MANGUE ESTAVAM COMEÇANDO A APARECER NA MÍDIA NACIONAL. MAS FOI UM EVENTO LOCAL, EM RECIFE, QUE ATRAIU TODOS OS OLHARES PARA O CENÁRIO MUSICAL DA CIDADE NOS ANOS 90...

TEC: ENTRA SOM AMBIENTE DE BAR.

ATOR 1: CARA, EU TÔ PENSANDO EM FAZER UM FESTIVAL AQUI NO RECIFE SÓ COM BANDAS DA CIDADE... O QUE TU ACHA?

ATOR 2: MERMÃO, NAO VAI DAR CERTO! TU NÃO VAI TRAZER NENHUMA BANDA GRANDE? UM TITAS, UM PARALAMAS? BANDA DAQUI NÃO TEM PÚBLICO!

ATOR 1: NAO, CARA. PÔ, EU ACHO QUE TEM... SÓ PRECISA DE UMA DIVULGAÇÃO MAIOR...

TEC: SOM AMBIENTE SAI.

NARRADOR: ESSE JOVEM, QUE VIA POTENCIAL NAS BANDAS DE RECIFE E QUERIA DAR UMA FORCINHA PARA ELAS, ERA PAULO ANDRÉ PIRES, DONO DA LOJA DE DISCOS ROCK XPRESS. NA SUA LOJA, PAULO ANDRÉ ACABOU CONHECENDO VÁRIAS BANDAS DA CIDADE E COMEÇOU A PRODUZIR ALGUNS SHOWS, QUE GERALMENTE ACABAVAM EM PREJUÍZO. MAS PAULO ANDRÉ NÃO DESISTIU TÃO FÁCIL DO PÚBLICO RECIFENSE, E EM 1993 ELE REALIZOU A PRIMEIRA EDIÇÃO DO FESTIVAL ABRIL PRO ROCK.

TEC: ENTRA TRECHO DO SHOW DE CSNZ NO 1º APR.

NARRADOR: O PRIMEIRO ABRIL PRO ROCK CONTOU COM UMA SELEÇÃO DE BANDAS BEM VARIADA. ALÉM DE CHICO SCIENCE E NAÇÃO ZUMBI E DO MUNDO LIVRE S/A, QUE JÁ ERAM AS MAIORES BANDAS DE RECIFE, SUBIRAM AO PALCO MAIS DOZE GRUPOS DA CIDADE. PARA PAULO ANDRÉ, O PRODUTOR DO FESTIVAL, A IMPORTÂNCIA DO PRIMEIRO ABRIL PRO ROCK ESTÁ NO FATO DE

QUE O EVENTO FOI O PRIMEIRO A APOSTAR NESSE NOVO CENÁRIO MUSICAL RECIFENSE.

TEC: ENTRA SONORA PAULO ANDRÉ (1049).

NARRADOR: ENTRE AS ATRAÇÕES, ESTAVA A TURMA DO ROCK PSICODÉLICO DOS ANOS 70: LULA CORTES COM A BANDA MÁ COMPANHIA, E LAÍLSON COM OS BLUSBRÓDERS.

TEC: ENTRA MÚSICA REDUZIDO A PÓ E CAI EM FADE.

NARRADOR: AS BANDAS TEMPO NUBLADO E ACADEMIA DO MEDO TAMBÉM LEVARAM O SEU POP GÓTICO DOS ANOS 80 PARA OS PALCOS DO FESTIVAL. ELAS ERAM AS DUAS ÚNICAS BANDAS NOVAS DE RECIFE COM DISCOS LANÇADOS.

TEC: ENTRA MÚSICA PINTURA DO AVESDO DO MUNDO E CAI EM FADE.

NARRADOR: A MÚSICA POPULAR TAMBÉM TINHA VEZ NO ABRIL PRO ROCK. PAULO ANDRÉ DECIDIU CHAMAR O GRUPO MARACATU NAÇÃO PERNAMBUCO PORQUE QUERIA MOSTRAR DE ONDE AS BANDAS MANGUE ESTAVAM TIRANDO O SEU SOM, QUE MISTURAVA ELEMENTOS DA MÚSICA POP MUNDIAL COM RITMOS DA CULTURA POPULAR PERNAMBUCANA, COMO O MARACATU, O COCO E A CIRANDA.

TEC: ENTRA MÚSICA TRACK 06 E CAI EM FADE.

NARRADOR: O PRIMEIRO ABRIL PRO ROCK MOSTROU QUE HAVIA, SIM, BANDAS LEGAIS NO RECIFE E QUE TAMBÉM HAVIA PÚBLICO PARA ESSAS BANDAS. O FESTIVAL SAIU EM GRANDES JORNAIS E REVISTAS DO SUDESTE, E ACABOU CONSOLIDANDO ESSE NOVO CENÁRIO MUSICAL DE RECIFE COMO UM DOS MAIS IMPORTANTES DO PAÍS. SE ANTES OS JORNALISTAS JÁ ESTAVAM DE OLHO NAS BANDAS MANGUE, DEPOIS DO ABRIL PRO ROCK ELES COLARAM NOS MENINOS DE VEZ.

TEC: ENTRA MÚSICA A CIDADE E CAI EM BG.

NARRADOR: DOIS MESES DEPOIS DO ABRIL PRO ROCK, O MUNDO LIVRE S/A E CHICO SCIENCE E NAÇÃO ZUMBI SAÍRAM JUNTOS PARA UMA PRIMEIRA TURNÊ PELO SUDESTE, QUE PASSOU POR SÃO PAULO E BELO HORIZONTE. EM SÃO PAULO, UMA PARTE DOS MANGUEBOYS FICOU NA CASA DO JORNALISTA XICO SÁ, AMIGO DE FRED ZERO QUATRO DOS TEMPOS DE FACULDADE EM

PERNAMBUCO. XICO CONTA COMO FICOU SURPRESO COM TODO O BAFAFÁ QUE ESTAVA ROLANDO EM TORNO DAS BANDAS.

TEC: MUSICA CAI EM FADE E ENTRA SONORA XICO SÁ.

NARRADOR: SETECENTAS PESSOAS VIRAM O SHOW DO MUNDO LIVRE E DO CHICO SCIENCE NO CLUBE AEROANTA, EM SÃO PAULO. NA PLATEIA ESTAVAM JORNALISTAS, PRODUTORES, MÚSICOS E O PESSOAL DAS GRANDES GRAVADORAS, QUE COM CERTEZA NÃO FOI SÓ PARA CURTIR O SOM. DOIS MESES DEPOIS DA TURNÊ, O CHICO SCIENCE E NAÇÃO ZUMBI ASSINOU CONTRATO COM A SONY E COMEÇOU A GRAVAR O DISCO DA LAMA AO CAOS, QUE SAIU EM 94. O SAMBA ESQUEMA NOISE, PRIMEIRO DISCO DO MUNDO LIVRE, SAIU NO MESMO ANO PELA WARNER.

TEC: ENTRA MÚSICA O RAPAZ DO B... PRETO E CAI EM BG.

NARRADOR: OS DOIS DISCOS FORAM MUITO BEM RECEBIDOS PELA CRÍTICA, MAS ELES NÃO ESTAVAM VENDENDO BEM. PARA PAULO ANDRÉ, QUE ERA O PRODUTOR DO CHICO SCIENCE E NAÇÃO ZUMBI, OS DISCOS NÃO TINHAM UMA BOA SAÍDA PRINCIPALMENTE PORQUE AS MÚSICAS DAS BANDAS NÃO TOCAVAM NAS RÁDIOS.

TEC: MÚSICA CAI EM FADE. ENTRA SONORA PAULO (1055).

NARRADOR: ALÉM DA QUESTÃO DAS RÁDIOS, O MERCADO MUSICAL BRASILEIRO NÃO FACILITAVA EM NADA A VIDA DAS BANDAS NO NORDESTE. NESSA REGIÃO, QUASE NÃO HAVIA CASAS DE SHOWS E, MUITAS VEZES, NEM OS DISCOS CHEGAVAM A SER DISTRIBUÍDOS POR LÁ. DESDE QUE O MUNDO LIVRE S/A E CHICO SCIENCE E NAÇÃO ZUMBI ASSINARAM CONTRATO COM A WARNER E A SONY, ELES PASSARAM A MORAR EM SÃO PAULO E NO RIO DE JANEIRO, RESPECTIVAMENTE.

TEC: ENTRA MÚSICA O ENCONTRO DE ISAAC ASIMOV COM SANTOS DUMONT NO CÉU E CAI EM BG.

NARRADOR: SE O PÚBLICO BRASILEIRO NÃO ESTAVA PREPARADO PARA O SOM DE CHICO SCIENCE E NAÇÃO ZUMBI, E SE O MERCADO MUSICAL DAQUI TAMBÉM NÃO AJUDAVA, ERA PRECISO PENSAR EM UMA ALTERNATIVA PARA SUSTENTAR A CARREIRA DA BANDA. FOI O QUE PAULO ANDRÉ FEZ. QUANDO ELE NOTOU

QUE HAVIA INTERESSE PELA BANDA NO EXTERIOR, ELE CHEGOU À CONCLUSÃO DE QUE O MELHOR A FAZER ERA LEVAR OS MENINOS PARA TOCAR LÁ FORA.

TEC: MÚSICA CAI EM FADE E ENTRA SONORA PAULO ANDRÉ (1054-1058).

NARRADOR: A PRIMEIRA TURNÊ INTERNACIONAL DE CHICO SCIENCE E NAÇÃO ZUMBI ACONTECEU EM JULHO DE 1995, UM ANO E DOIS MESES DEPOIS DO DISCO DA LAMA AO CAOS SER LANÇADO NO BRASIL. A BANDA PASSOU PELOS ESTADOS UNIDOS E PELA EUROPA. A CRÍTICA INTERNACIONAL FOI TÃO BOA QUE A SONY COLOCOU MAIS FÉ NO GRUPO, E O CHICO SCIENCE E NAÇÃO ZUMBI COMEÇOU A TRABALHAR NO SEU SEGUNDO DISCO, O AFROCIBERDELIA.

TEC: ENTRA MUSICA MARACATU ATÔMICO E CAI EM BG.

NARRADOR: EM 1996, SAEM O AFROCIBERDELIA, O SEGUNDO DISCO DE CHICO SCIENCE E NAÇÃO ZUMBI, E O GUENTANDO A ÔIA, O SEGUNDO DISCO DO MUNDO LIVRE. NESTE ANO, A BANDA CHICO SCIENCE E NAÇÃO ZUMBI FAZ A SUA SEGUNDA TURNÊ PELOS ESTADOS UNIDOS E PELA EUROPA. DESSA VEZ ELES FORAM ACOMPANHADOS PELO MUNDO LIVRE, QUE TAMBÉM SE APRESENTOU NO BRAZILIAN MUSIC FESTIVAL, EM NOVA IORQUE. O SHOW ARRANCOU ELOGIOS DE JOHN PARELES, CRÍTICO DE MÚSICA DO JORNAL NEW YORK TIMES.

TEC: ENTRA MÚSICA FREE WORLD E CAI EM BG.

ATOR: "A MÚSICA BRASILEIRA TEM UM NOVO CELEIRO: RECIFE, EM PERNAMBUCO... RECIFE ABRIGA O MANGUEBEAT, UM AMBICIOSO, OUSADO MOVIMENTO, ASSIM BATIZADO DEVIDO AOS MANGUES DA REGIÃO... FIEL AO SINCRETISMO BRASILEIRO, O MANGUEBEAT MISTURA RITMOS DOMÉSTICOS E INTERNACIONAIS, VELHOS E NOVOS: RITMOS COMO O MARACATU COMBINAM-SE COM HARD ROCK E HIP-HOP... POR QUASE TODA A APRESENTAÇÃO FRED ZERO QUATRO TOCOU CAVAQUINHO, A GUITARRA EM MINIATURA DO SAMBA... SUAS CANÇÕES SÃO SOBRE TESÃO, FRUSTRAÇÃO E POLÍTICA; UMA CANÇÃO LOUVA O REBELDE MEXICANO MARCOS COMO UM CYBERPUNK. A BANDA FOI CORRETA E AGUERRIDA, OUSADA MAS DESPRETENSIOSA."

TEC: MUSICA CAI EM FADE.

NARRADOR: ALÉM DE SE MUDAREM PARA O SUDESTE E FAZEREM TURNÊS PELO EXTERIOR, AS BANDAS CHICO SCIENCE E NAÇÃO ZUMBI E MUNDO LIVRE S/A COMEÇARAM A UTILIZAR A INTERNET COMO FORMA DE DIVULGAÇÃO ALTERNATIVA. EM 96, NO INÍCIO DA INTERNET COMERCIAL, O MOVIMENTO MANGUE JÁ TINHA DOIS SITES: O MANGUEBIT E O MANGUETRONIC. PARA MABUSE, UM DOS CRIADORES DO MOVIMENTO MANGUE, ESSE ESPAÇO VIRTUAL FOI IMPORTANTE PORQUE POSSIBILITOU UMA COMUNICAÇÃO DIRETA ENTRE OS MANGUEBOYS E AS PESSOAS INTERESSADAS NO MANGUEBEAT.

TEC: ENTRA SONORA MABUSE (3).

NARRADOR: EM 1996, AS BANDAS CHICO SCIENCE E NAÇÃO ZUMBI E MUNDO LIVRE S/A VIVIAM UM ÓTIMO MOMENTO: OS SEUS SEGUNDOS DISCOS FORAM ACLAMADOS PELA CRÍTICA E ESTAVAM VENDENDO BEM MAIS QUE OS PRIMEIROS. EM RECIFE, A CENA MUSICAL ESTAVA PEGANDO FOGO: SURGIAM CADA VEZ MAIS BANDAS E O PÚBLICO NÃO PARAVA DE AUMENTAR. MAS EM FEVEREIRO DE 97, TODOS FORAM PEGOS DE SURPRESA POR UM ACONTECIMENTO TRÁGICO.

TEC: ENTRA SOM DE FREADA. ENTRA MÚSICA SAMBA ESQUEMA NOISE E CAI EM BG.

NARRADOR: NA NOITE DO DIA DOIS DE FEVEREIRO DE 1997, CHICO SCIENCE MORRE EM UM ACIDENTE DE CARRO. A SUA MORTE ABALOU NÃO SÓ OS AMIGOS MAIS PRÓXIMOS, MAS O BRASIL INTEIRO. TODOS PASSARAM A QUERER SABER QUEM ERA ESSE JOVEM MÚSICO QUE TINHA IDO TÃO CEDO. NO PRÓXIMO PROGRAMA, NÓS VAMOS FALAR SOBRE A REPERCUSSÃO DA MORTE DE CHICO E SOBRE O LEGADO QUE O MANGUEBEAT DEIXOU PARA O BRASIL.

TEC: MÚSICA CAI EM FADE.

PROGRAMA 5

TEC: ENTRA MÚSICA COCO DUB. MÚSICA CAI EM BG E ENTRA SONORA RENATO L (5).

NARRADOR: O APELIDO OCASIONAL QUE FRANCISCO FRANÇA GANHOU DO SEU AMIGO RENATO L NAO TINHA NENHUM SIGNIFICADO MISTERIOSO, MAS CAIU COMO UMA LUVA PARA ESSA FIGURA. O MÚSICO CHICO SCIENCE ERA O CIENTISTA DAS BATIDAS DO MANGUEBEAT, UM MOVIMENTO CULTURAL CRIADO POR ELE E UMA TURMA DE AMIGOS NO COMEÇO DOS ANOS 90 EM RECIFE. JUNTO COM O GRUPO NAÇÃO ZUMBI, CHICO HAVIA INVENTADO UM NOVO SOM, QUE MISTURAVA RAP, ROCK, MARACATU, SAMBA, REGGAE E MAIS UMA SÉRIE DE RITMOS!

TEC: MÚSICA CAI EM FADE. ENTRA MÚSICA DESAFIANDO ROMA E CAI EM BG.

NARRADOR: EM 1996, CINCO ANOS DEPOIS DO MANGUEBEAT SURTIR, JÁ DAVA PARA PERCEBER O QUANTO O MOVIMENTO TINHA MEXIDO NO CENÁRIO CULTURAL RECIFENSE. O SÍMBOLO DO MANGUE ERA FONTE DE INSPIRAÇÃO PARA PRODUÇÕES EM CINEMA, TEATRO, DANÇA, ARTES PLÁSTICAS E PRINCIPALMENTE NA MÚSICA. A PRODUÇÃO CULTURAL PERNAMBUCANA ERA UMA DAS MAIS EFERVESCENTES DO PAÍS! AS CARREIRAS DAS BANDAS CHICO SCIENCE E NAÇÃO ZUMBI E MUNDO LIVRE S/A, AS PIONEIRAS DO MANGUEBEAT, TAMBÉM ESTAVAM INDO DE VENTO EM POPA! ATÉ QUE EM FEVEREIRO DE 97, ACONTECE UM TRÁGICO ACIDENTE...

TEC: MÚSICA CAI EM FADE. ENTRA SOM DE FREADA.

NARRADOR: O CARRO QUE CHICO SCIENCE DIRIGIA EM DIREÇÃO A OLINDA SE CHOCA CONTRA UM POSTE E CHICO PERDE A VIDA NA HORA. A SUA MORTE ABALOU TODO MUNDO. DESDE OS AMIGOS MAIS PRÓXIMOS ATÉ AS PESSOAS QUE ERAM FASCINADAS PELO SEU SOM. NO PROGRAMA DE HOJE, NÓS VAMOS FALAR SOBRE A REPERCUSSÃO DA MORTE DE CHICO E SOBRE O LEGADO QUE O MANGUEBEAT DEIXOU PARA O BRASIL E PARA O MUNDO. ESSE É O ÚLTIMO PROGRAMA DA SÉRIE...

TEC: ENTRA VINHETA DO PROGRAMA. ENTRA MÚSICA CORPO DE LAMA E CAI EM BG.

NARRADOR: EM TODA A HISTÓRIA DO MANGUEBEAT, NUNCA HOUVE UM INTERESSE TÃO GRANDE DA MÍDIA PELO MOVIMENTO COMO QUANDO CHICO SCIENCE MORREU. O SEU ACIDENTE FOI AMPLAMENTE DIVULGADO NA IMPRENSA LOCAL E NACIONAL, INCLUSIVE NAS PRINCIPAIS EMISSORAS DE TELEVISÃO BRASILEIRAS. AS REPORTAGENS SOBRE O ENTERRO DE CHICO ACABARAM PROVOCANDO UMA DAS MAIORES COMOÇÕES POPULARES DA HISTÓRIA RECENTE DE RECIFE. CHICO VIROU UM SÍMBOLO. MAS AO MESMO TEMPO QUE ENGRANDECIA A FIGURA DE CHICO, A MÍDIA QUESTIONAVA A SOBREVIVÊNCIA DO MOVIMENTO MANGUE APÓS A SUA MORTE.

TEC: MÚSICA CAI EM FADE. ENTRA MÚSICA BALLAD OF A THIN MAN E CAI EM BG.

NARRADOR: EM RESPOSTA ÀS ESPECULAÇÕES NEGATIVAS DA IMPRENSA E PROCURANDO REANIMAR OS AMIGOS ABALADOS COM A GRANDE PERDA, FRED ZERO QUATRO, VOCALISTA DO MUNDO LIVRE S/A E UM DOS CABEÇAS DO MOVIMENTO MANGUE, ESCREVE O SEGUNDO MANIFESTO DO MANGUEBEAT, QUE É PUBLICADO NO DIA 21 DE FEVEREIRO DE 97, NO JORNAL DO COMMERCIO.

TEC: SOBE TRECHO DA MÚSICA E VOLTA PARA BG.

ATOR: "ESSA IDEIA DA MÚSICA DE BOB DYLAN, DE QUE AS PESSOAS NÃO ENTENDEM O QUE ESTÁ SE PASSANDO AO REDOR DELAS, ME VEM À MENTE SEMPRE QUE EU PENSO NO TOM DE ALGUNS COMENTÁRIOS PUBLICADOS NOS MAIORES JORNAIS DO PAÍS A RESPEITO DA MORTE DE CHICO. TALVEZ COM INTENÇÃO DE PINTAR O FATO COM AS CORES MAIS CHOCANTES, EXPURGANDO, ASSIM, A DOR E A REVOLTA DA PERDA, AS MATÉRIAS ACABAVAM INVARIAVELMENTE EMITINDO UM TOM DERROTISTA OU ATÉ DESOLADOR. SE O CASO É ESPECULAR SOBRE O QUE PODE ACONTECER DAQUI EM DIANTE, O MAIS OPORTUNO SERIA TENTAR IDENTIFICAR NA HISTÓRIA POP, FATOS OU SITUAÇÕES SEMELHANTES QUE POSSAM SERVIR DE EXEMPLOS. (PAUSA) E AGORA, MANGUEBOYS? CHICO ERA REFERÊNCIA E INSPIRAÇÃO PARA MUITA GENTE, TALVEZ PARA TODA UMA GERAÇÃO DE RECIFENSES. E A PERDA PARA O

NAÇÃO ZUMBI É IRREPARÁVEL EM TERMOS DE CARISMA, ENERGIA VOCAL, GESTUAL E TUDO MAIS. NINGUÉM QUESTIONA ISSO."

TEC: MÚSICA CAI EM FADE. ATOR CONTINUA.

ATOR: "MAS O QUE MUITA GENTE ESQUECE É QUE A FÓRMULA CRIADA POR CHICO TINHA UMA BASE MUITO SÓLIDA EM TERMOS DE COZINHA, ACOMPANHAMENTO, GROOVE. PORTANTO, SE EXISTE UMA BANDA QUE TEM TOTAL AUTORIDADE E POTENCIAL PARA OCUPAR CONDIGNAMENTE O LUGAR QUE O INESQUECÍVEL CHICO SCIENCE DEIXOU VAGO NO TOPO, ESSA BANDA É SEM DÚVIDA A NAÇÃO ZUMBI. LONGA VIDA AO GROOVE!!!"

TEC: ENTRA MÚSICA MALUNGO E CAI EM BG.

NARRADOR: A MORTE DE CHICO SCIENCE FOI UMA PERDA ENORME PARA O MANGUEBEAT. MAS O MOVIMENTO NÃO IRIA PARAR PORQUE O SEU MESTRE SE FORA. JORGE DU PEIXE, LÚCIO MAIA, DENGUE, GILMAR BOLA OITO, PUPILLO, TOCA OGAN E GIRA, OS INTEGRANTES DO NAÇÃO ZUMBI, SABIAM QUE QUERIAM CONTINUAR FAZENDO MÚSICA. GILMAR BOLA OITO CONTA QUE SE PASSARAM TRÊS MESES ATÉ QUE O NAÇÃO ZUMBI CONSEGUISSSE VOLTAR A TOCAR.

TEC: MÚSICA CAI EM FADE. ENTRA SONORA GILMAR (1078).

NARRADOR: FORA O NAÇÃO ZUMBI, HAVIA MAIS UMA SÉRIE DE BANDAS QUE TAMBÉM ESTOURARAM COM O MOVIMENTO MANGUE E QUE AINDA PROMETIAM DAR BONS FRUTOS. MUNDO LIVRE S/A, MESTRE AMBRÓSIO, EDDIE, DEVOTOS, FACES DO SUBÚRBIO, SHEIK TOSADO... RECIFE PASSOU A SER UM DOS CAMPOS MAIS FERTÉIS PARA O SURGIMENTO DE NOVAS BANDAS NO BRASIL!

TEC: ENTRA MUSICA REPENTE ENVENENADO E CAI EM FADE.

NARRADOR: PORÉM, NÃO ERA APENAS NA MÚSICA QUE O MANGUEBEAT SE EXPRESSAVA. O MOVIMENTO MANGUE ESTIMULOU E INFLUENCIOU A PRODUÇÃO EM VÁRIAS OUTRAS ÁREAS DA CULTURA RECIFENSE A PARTIR DOS ANOS 90.

TEC: ENTRA TRECHO DO FILME BAILE PERFUMADO.

NARRADOR: PARA O CINEASTA PERNAMBUCANO PAULO CALDAS, QUE TRABALHOU JUNTO COM LÍRIO FERREIRA NA DIREÇÃO DO "BAILE PERFUMADO", O PRIMEIRO FILME DA GERAÇÃO MANGUE, A MAIOR CONQUISTA DO

MOVIMENTO FOI JUSTAMENTE ESSA: INCENTIVAR OS NOVOS ARTISTAS DA CIDADE.

TEC: ENTRA SONORA PAULO CALDAS (2).

NARRADOR: TODA ESSA PRODUÇÃO CULTURAL QUE ESTAVA SENDO GERADA EM RECIFE NOS ANOS 90, ACABOU DESPERTANDO A AUTO ESTIMA DOS RECIFENSES, QUE ANDAVAM MEIO CABISBAIXOS COM A IMAGEM QUE SE TINHA DA CIDADE NOS OUTROS LUGARES.

TEC: ENTRA TIROTEIO E SIRENES.

NARRADOR: RECIFE, QUE ATÉ ENTÃO ERA VISTA COMO UMA CIDADE POBRE, VIOLENTA E CHEIA DE PROBLEMAS, PASSOU A SER MANCHETE POR CAUSA DA SUA MUSICA.

TEC: ENTRA MÚSICA MEXE MEXE E CAI EM BG.

NARRADOR: O JORNALISTA RECIFENSE MARCELO PEREIRA, QUE ACOMPANHOU AS MUDANÇAS CONQUISTADAS PELA GERAÇÃO MANGUE, CONTA COMO ESSES JOVENS CONSEGUIRAM DAR UM NOVO ÂNIMO À CIDADE, UTILIZANDO ELEMENTOS DA CULTURA TRADICIONAL PERNAMBUCANA NA SUA ARTE.

TEC: MÚSICA CAI EM FADE. ENTRA SONORA MARCELO (1017).

NARRADOR: MESMO QUE ESSA RECUPERAÇÃO DA AUTO ESTIMA DO RECIFENSE JÁ VIESSE OCORRENDO, PARA FRED ZERO QUATRO, UM DOS CABEÇAS DO MANGUE, FOI DEPOIS DA MORTE DE CHICO SCIENCE QUE ELA TEVE UM ALCANCE MAIOR. O PESSOAL DA CIDADE QUE NUNCA TINHA OUVIDO FALAR DE CHICO, PASSOU A QUERER SABER QUEM ELE ERA E A SENTIR ORGULHO DA MÚSICA POPULAR PERNAMBUCANA, COM A QUAL ELE VINHA TRABALHANDO.

TEC: ENTRA SONORA FRED (1031).

NARRADOR: FOI TAMBÉM DEPOIS DA MORTE DE CHICO SCIENCE QUE AS INSTITUIÇÕES PÚBLICAS DE INCENTIVO À CULTURA DE RECIFE PASSARAM A PRESTAR MAIS ATENÇÃO NO SEU TRABALHO E A INVESTIR NOS ARTISTAS DO MANGUEBEAT. PARA FRED ZERO QUATRO, VOCALISTA DO MUNDO LIVRE S/A, FOI ESSA VISIBILIDADE NACIONAL QUE O MANGUEBEAT TEVE COM A MORTE DE CHICO, QUE FEZ COM QUE O PODER PÚBLICO LOCAL COMEÇASSE A VALORIZAR O MOVIMENTO.

TEC: ENTRA SONORA FRED (1032). ENTRA MÚSICA RIOS PONTES E OVERDRIVES E CAI EM BG.

NARRADOR: O BRASIL PODE TER DEMORADO A RECONHECER A IMPORTÂNCIA DO MOVIMENTO MANGUE, MAS EM OUTROS PAÍSES ISSO JÁ ERA PERCEBIDO. FAZIA TEMPO QUE CRÍTICOS MUSICAIS DOS ESTADOS UNIDOS E DA EUROPA VINHAM SE RASGANDO EM ELOGIOS ÀS BANDAS. O DA LAMA AO CAOS, DISCO DE ESTREIA DE CHICO SCIENCE E NAÇÃO ZUMBI, FOI CONSIDERADO O MELHOR LANÇAMENTO DO ANO DE 95 NOS ESTADOS UNIDOS PELO CRÍTICO JOHN PARELES, DO JORNAL NEW YORK TIMES. OS PERNAMBUCANOS HAVIAM COLOCADO O BRASIL NO TOPO DA MÚSICA POP MUNDIAL. ENTÃO FOI MUITO TRISTE QUANDO JOHN ANUNCIOU A MORTE DE CHICO NO JORNAL NORTE-AMERICANO.

TEC: MÚSICA CAI EM FADE. ENTRA MÚSICA CRIANÇA DE DOMINGO E CAI EM BG.

ATOR: "CHICO SCIENCE, COMPOSITOR E BANDLEADER, ALTAMENTE CELEBRADO COMO O FUTURO DA MÚSICA BRASILEIRA, MORREU NO DOMINGO PASSADO EM UM ACIDENTE AUTOMOBILÍSTICO PRÓXIMO À CIDADE NORDESTINA DE RECIFE, ONDE MORAVA. ELE TINHA TRINTA ANOS."

TEC: MUSICA CAI EM FADE.

NARRADOR: COMO QUALQUER OUTRO MOVIMENTO, O MANGUEBEAT TEVE O SEU COMEÇO E O SEU FIM, EMBORA HAJA DIVERGÊNCIAS SOBRE O MOMENTO EM QUE O MANGUEBEAT ACABOU. ALGUNS ACHAM QUE FOI QUANDO O MOVIMENTO FOI PARAR NA GRANDE MÍDIA, OUTROS DIZEM QUE FOI QUANDO CHICO SCIENCE MORREU, E OUTROS PENSAM QUE FOI BEM DEPOIS DISSO. ÀS VEZES AS COISAS ACONTECEM DE FORMA TÃO RÁPIDA E ESPONTÂNEA QUE É DIFÍCIL PRECISAR UMA DATA.

TEC: ENTRA MÚSICA CHEGA DE SAUDADE, DEPOIS TROPICÁLIA, DEPOIS CLUBE DA ESQUINA, E CAI EM BG.

NARRADOR: CADA GERAÇÃO TEM AS SUAS NECESSIDADES E OS SEUS DESEJOS. DIFERENTES MOVIMENTOS APARECEM E DESAPARECEM O TEMPO INTEIRO, E MUDAM DE ALGUMA FORMA O CENÁRIO NOS QUAIS ELES SURGIRAM. ANTES DE

ENCERRAMOS O PROGRAMA, VOCÊ VAI OUVIR TRÊS DAS MAIORES CONQUISTAS OBTIDAS PELO MOVIMENTO MANGUE.

TEC: MÚSICA CAI EM FADE. ENTRA MÚSICA MANGUETOWN E CAI EM BG.

NARRADOR: A PRIMEIRA CONQUISTA DO MANGUEBEAT FOI MOSTRAR NOVAS POSSIBILIDADES MUSICAIS ATRAVÉS DA MISTURA DE RITMOS QUE ATÉ ENTÃO ERAM CONSIDERADOS CONTRADITÓRIOS. AS BANDAS MANGUE JUNTARAM O ROCK, O RAP E O REGGAE COM O COCO, A CIRANDA E O MARACATU, E CRIARAM UM NOVO SOM. DESSA FORMA, O MANGUEBEAT CONSEGUIU APROXIMAR OS JOVENS DA CULTURA TRADICIONAL PERNAMBUCANA, VALORIZAR O MÚSICO POPULAR E GERAR UMA FALTA DE PRECONCEITO MUSICAL. PARA ROGER DE RENOR, DONO DA SOPARIA, UM DOS POUCOS ESPAÇOS QUE AS BANDAS MANGUE TINHAM PARA SE APRESENTAR EM RECIFE, HOJE EM DIA OS MÚSICOS NÃO PRECISAM NEM TENTAR CLASSIFICAR A MÚSICA QUE FAZEM. A MISTURA DE RITMOS NÃO TEM MAIS LIMITES.

TEC: MÚSICA CAI EM FADE. ENTRA SONORA ROGER (3). VOLTA MÚSICA MANGUETOWN E CAI EM BG.

NARRADOR: A SEGUNDA CONQUISTA DO MANGUEBEAT FOI CONSEGUIR INCLUIR A REGIÃO DO NORDESTE NO MERCADO MUSICAL BRASILEIRO. ANTES DO MANGUE, A INDÚSTRIA FONOGRÁFICA CHEGAVA NO MÁXIMO ATE SALVADOR. A PRODUÇÃO CULTURAL GERADA PELO MOVIMENTO MANGUE CHAMOU A ATENÇÃO DA INDÚSTRIA PARA UM NOVO MERCADO E PARA UMA NOVA MÚSICA. RECIFE SE CONSOLIDOU COMO UM DOS MAIS IMPORTANTES POLOS DE PRODUÇÃO CULTURAL DO BRASIL. PARA MABUSE, UM DOS CRIADORES DO MANGUE, HOJE EM DIA A PRODUÇÃO MUSICAL DO PAÍS TODO TEM UMA BOA REPRESENTAÇÃO.

TEC: MÚSICA CAI EM FADE. ENTRA SONORA MABUSE (3). VOLTA MÚSICA MANGUETOWN E CAI EM BG.

NARRADOR: A TERCEIRA POSIÇÃO FICA PARA AS CONQUISTAS PESSOAIS DAQUELES QUE PARTICIPARAM DO MOVIMENTO. MÚSICOS, CINEASTAS, FOTÓGRAFOS, ARTISTAS PLÁSTICOS, JORNALISTAS... MUITA GENTE DE TALENTO CONSEGUIU APARECER COM O MANGUEBEAT. ESSA NOVA GERAÇÃO MOSTROU

QUE ERA POSSÍVEL, SIM, TRABALHAR COM O QUE SE GOSTA. NÃO ERA MAIS PRECISO ESTAR NO CENTRO DO PAÍS PARA PODER VIVER DA ARTE. PARA FRED ZERO QUATRO, VOCALISTA DA BANDA MUNDO LIVRE S/A E UM DOS CRIADORES DO MANGUEBEAT, O MOVIMENTO FOI UMA SALVAÇÃO PESSOAL.

TEC: MÚSICA CAI EM FADE. ENTRA SONORA FRED (1040).

NARRADOR: COMO NÓS VIMOS, O MANGUEBEAT FOI PIONEIRO EM UMA SÉRIE DE LUTAS: NA BUSCA POR UMA ABERTURA DO MERCADO, POR UMA NOVA MÚSICA, PELA POSSIBILIDADE DE SE VIVER DE CULTURA ESTANDO ÀS MARGENS DO MERCADO, E MUITO MAIS. PORÉM, ALGUMAS DESSAS LUTAS AINDA NÃO ESTÃO GANHAS. MUITOS MÚSICOS AINDA PRECISAM SE MUDAR PARA O SUDESTE PARA CONSEGUIREM SOBREVIVER DA MÚSICA NO BRASIL; A GRANDE MAIORIA DOS ARTISTAS QUE TRABALHAM COM A CULTURA TRADICIONAL NÃO TEM UM RECONHECIMENTO PERSONALIZADO, COMO SE A MÚSICA POPULAR FOSSE CRIADA POR ARTISTAS ANÔNIMOS; E A MÚSICA QUE É FEITA NO NORDESTE MUITAS VEZES É CLASSIFICADA COMO UMA MÚSICA REGIONAL E ACABA SOFRENDO PRECONCEITO NAS OUTRAS REGIÕES.

TEC: ENTRA MÚSICA A BOLA DO JOGO E CAI EM BG.

NARRADOR: MAS SE O MÉRITO DE TODO MOVIMENTO É DAR UM PRIMEIRO PASSO PARA SE CONQUISTAR AS MUDANÇAS DESEJADAS NA SOCIEDADE, NO FUNDO NENHUM MOVIMENTO TEM O SEU FIM. O MANGUEBEAT PODE TER ACABADO, MAS AS LUTAS QUE OS MANGUEBOYS INICIARAM ESTÃO APENAS NO COMEÇO.

TEC: MÚSICA CAI EM FADE.